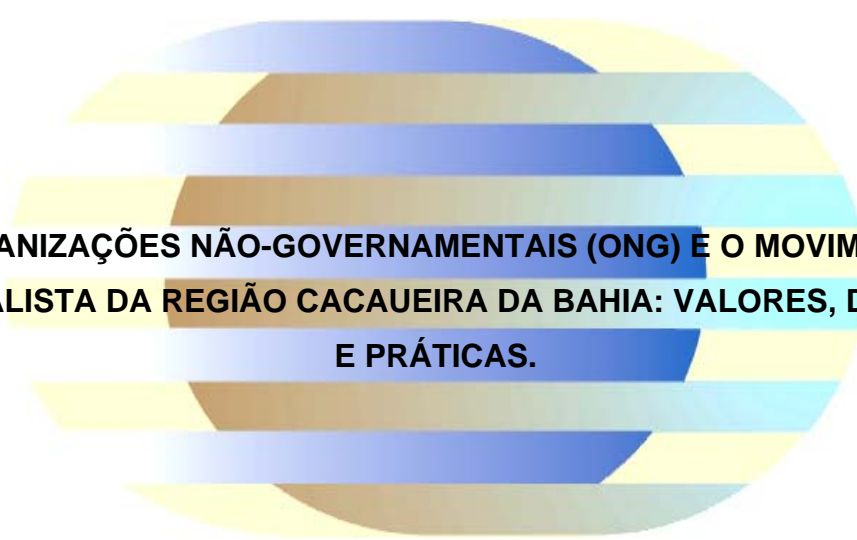




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA



**ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS (ONG) E O MOVIMENTO
AMBIENTALISTA DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA: VALORES, DISCURSOS
E PRÁTICAS.**

PRODEMA

ILHÉUS - BAHIA

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA

**ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS (ONG) E O MOVIMENTO
AMBIENTALISTA DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA: VALORES, DISCURSOS
E PRÁTICAS.**

Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em
Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, à Universidade
Estadual de Santa Cruz.

Sub-área de concentração: Comunidades Sustentáveis

Orientador: Prof. Paulo dos Santos Terra

ILHÉUS – BAHIA

2007

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA

**ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS (ONG) E O MOVIMENTO
AMBIENTALISTA DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA: VALORES, DISCURSOS
E PRÁTICAS.**

Ilhéus – BA, 02/04/2007

Paulo dos Santos Terra – PhD
UESC
(Orientador)

Manoel Fernandes de Sousa Neto – PhD
USP

Raquel Maria de Oliveira – PhD
UESC

“[...] o problema é que agora aqui no Brasil é assim, os problemas sociais são naturalizados e os problemas do meio ambiente são humanizados, ou seja, está tudo errado. É a maneira de colocar os problemas que foi viciada, a pobreza, a indigência, a violência, aqui é natural. Corrupção é natural, então, são problemas que são colocados como coisas normais. Mas no pensamento de cada um, no meu, por exemplo, não.”

Trecho extraído do depoimento concedido pelo representante da ONG 32.

AGRADECIMENTOS

Muitos não têm paciência e nem interesse em ler os agradecimentos de um trabalho, seja ele uma monografia, uma dissertação ou uma tese, mas entendo que aqui é o nosso momento de poder expressar toda a gratidão para com aquelas pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho chegasse até aqui.

Pensando desta forma, vamos lá!

Primeiramente agradeço a Deus, pela benção de ter me conduzido até aqui e por ter permitido que todas as pessoas que mencionarei a seguir, fizessem parte dessa caminhada. Obrigado Senhor!

À Liliana, minha esposa, pela paciência, dedicação e carinho, nesses 4 anos de jornada, desde minhas primeiras tentativas de ingresso no mestrado até sua consolidação, desenvolvimento e conclusão.

À João Víctor, minha jóia preciosa, filho tão esperado e amado, que é a alegria da nossa casa e o motivo pelo qual luto ainda mais por meus sonhos.

A minha mãe por adoção Gilzélia Santos Rocha.

Aos meus amados pais, que apesar da distância geográfica, sempre torceram por mim. Tenho certeza que, com mais esta conquista, estão tão ou mais felizes do que eu. Obrigado pelos pais e amigos maravilhosos que são.

A amiga Jovane, que no momento mais delicado dessa jornada, levou-me a conhecer o Professor Paulo Terra.

Ao orientador, que hoje, é um também um amigo, professor Paulo Terra, a quem serei sempre grato, por tudo o que passamos nestes quase 4 anos sublimes e inesquecíveis de construção do conhecimento.

Ao Co-orientador, professor Carlos Frederico Loureiro, pelo imenso apoio, presteza no atendimento as minhas solicitações, sem as quais não poderia estar concluindo este trabalho.

Ao professor Augusto Fagundes, obrigado pela disposição e paciência em me conduzir nos caminhos da antropologia, orientação nesta pesquisa e principalmente pelo presente maior que é a sua amizade.

Ao professor Almir Gonçalves Pereira, obrigado por sua, por isso e por sua amizade serei sempre grato.

Aos professores Soane Nazaré de Andrade e Evilásio Teixeira Cardoso, como os quais muito aprendi.

A professora Raquel, pelas contribuições a este trabalho, mas principalmente por sua amizade e carinho.

Ao professor Manoel Fernandes de Sousa Neto, pela disposição em colaborar com este trabalho e pelo ser humano que és.

A CAPES pelo apoio financeiro.

Ao amigo Marcelo Araújo, pela sincera amizade ao longo desses anos e pelas pacientes leituras e sugestões a este trabalho.

A companheira Moema, muito obrigado.

Ao professor Salvador Trevisan, pelas contribuições a esta pesquisa.

Ao professor Max de Menezes, pelas conversas nos corredores, muito esclarecedoras, que ajudaram muito no andamento e concretização desse trabalho.

Ao professor Neylor Calasan, coordenador do mestrado, obrigado por todo o apoio.

A todos os presidentes, diretores e representantes das Organizações Não-Governamentais Ambientalistas da Região pelas entrevistas concedidas, sem vocês este trabalho não teria acontecido.

Parabéns a vocês!

ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS (ONG) E O MOVIMENTO AMBIENTALISTA DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA: VALORES, DISCURSOS E PRÁTICAS.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco de estudo as ONG Ambientalistas da Região Cacaueira do Sul da Bahia, onde se propôs identificar os motivos que levaram a criação das mesmas, os valores defendidos por elas, e fazer uma correlação dessas variáveis com suas práticas. Optou-se pelo uso da abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos de coleta de dados, entrevistas com os representantes dessas organizações, bem como a análise documental, sempre que possível. Para o tratamento dos dados coletados, utilizou-se a ferramenta metodológica do Discurso do Sujeito Coletivo. No primeiro momento do trabalho faz-se um resgate da evolução do pensamento ambientalista, caracterizando cada período e suas principais contribuições. Posteriormente, os procedimentos metodológicos são detalhados. Num terceiro momento, faz-se um relato das histórias das ONG, contadas pelos seus representantes. Após esses relatos, os dados são apresentados em forma de figuras e tabelas, sem deixar de lado os discursos das organizações. Concluindo pode-se considerar que a Região Cacaueira é privilegiada quando se pensa no número de ONG Ambientalistas existentes, que em linhas gerais, atuam nas mais variadas áreas. Porém, uma boa parte não consegue colocar em prática suas idéias e propostas. Isso se deve a diversos fatores, mas principalmente pela falta de experiência de seus integrantes e pela falta de profissionalização desses grupos, o que leva a dificuldade de financiamento e conseqüente inatividade. Por fim, entende-se que a discussão aqui proposta pode ser responsável pela construção de um conhecimento para uma mudança socioambiental, não estando atrelada apenas a conceitos, mas sim, a discussão de uma utopia, uma cultura e uma ética.

Palavras-chave: movimento ambientalista; organizações não-governamentais, valores.

**NON-GOVERNMENTAL ORGANIZATIONS (NGO) AND THE
ENVIRONMENTALIST MOVEMENT IN THE CACAO REGION OF BAHIA:
VALUES, DISCOURSES E PRACTICES.**

ABSTRACT

The present work focuses on the study of the Environmentalist NGOs of the Cacao Region of South Bahia, with the proposal of identifying the reasons that led to their creation, the values defended by them, and to establish a co-relation of these variables with their practices. It was chosen to use a qualitative approach, utilizing as tools for data collection interviews with representatives of those organizations, as well as the analysis of documents, whenever possible. To treat the collected data, the methodological tool of the Discourse of the Collective Subject was used. In the first stage of the work, as evolution of the environmentalist mentality is tracked, characterizing each period and its main contributions. Posteriorly, the methodological procedures are detailed. In a third stage, a detailed report is offered of the history of the NGOs, as told by their representatives. After these reports, the data is presented in the shape of figures and tables, without disregard for the organizations' discourses. To conclude, one may consider that the Cacao Region is privileged when the number of existing environmentalist NGOs is considered, which in general lines, are active in diverse fields. However, a good many is not able to put into practice their ideas and proposals. This is due to many factors, but mainly to the inexperience of their members and the lack of professional capacity on the part of these groups, which leads to fundraising difficulties and consequent inactivity. Finally, it is understood that the discussion proposed can be responsible for the construction of a knowledge for a socio-environmental change, not only tied to concepts, but also to the discussion of a utopia, a culture and an ethic.

Keywords: environmentalist movement, non-governmental organizations, values.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1	Divisão Político-Administrativa (Litoral Sul).....	14
Quadro 1	Situação geral das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira do Sul da Bahia.....	73
Figura 2	Ordem cronológica de criação das ONG Amb. Sul Baianas.....	76
Figura 3	Motivos que levaram a criação das organizações Sul Baianas.....	80
Figura 4	Área espacial de atuação das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira.....	82
Figura 5	Tipos de Ambientalismo da Região Cacaueira da Bahia	83
Figura 6	Perfil do Ambientalismo na Região Cacaueira da Bahia, com base nas alterações propostas.....	85
Figura 7	Classificação das ONG por situação atual.....	88
Figura 8	Classificação das ONG por situação atual, com base no parâmetro financiamento.....	89
Figura 9	Principais valores defendidos pelas ONG Ambientalistas da Região..	91

LISTA DE SIGLAS

AGAPAN	Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
APA	Área de Proteção Ambiental
APEDEMA	Assembléia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente
CEPEC	Centro de Pesquisa do Cacau
CEPLAC	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CIERG	Centro Integrado de Educação Rômulo Galvão
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONDEMA	Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente
COOPASB	Cooperativa de Pequenos Produtores Agroecologistas do Sul da Bahia
CRA	Centro de Recurso Ambientais
EMARC	Escola Média de Agropecuária Regional da CEPLAC
FAPESB	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA	Ministério do Meio Ambiente
ONG	Organização Não-Governamental
PED	Projeto de Execução Descentralizada
PROSULBA	Programa Sul da Bahia
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SEOP	Serviço de Educação e Organização Popular

SUMÁRIO

	Resumo	vi
	Abstract	vii
1	INTRODUÇÃO	1
2	O PENSAMENTO AMBIENTALISTA	5
2.1	Diversidade e Necessidade de Caracterização das ONG Ambientalistas....	10
3	METODOLOGIA	
3.1	Universo da Pesquisa	14
3.2	Opção Metodológica.....	15
3.3	Desenvolvimento da Pesquisa.....	16
a)	Definição do número de ONG Ambientalistas a serem investigadas.....	16
b)	Entrevistas.....	17
c)	O Discurso do Sujeito Coletivo	20
4	DISCURSO AMBIENTALISTA DAS ONG SUL BAIANAS	
4.1	Historiografia	24
	ONG 1 - Assembléia Permanente Entidades em Defesa do Meio Ambiente	24
	ONG 2 - Associação Brasileira de Apoio aos Recursos Ambientais	26
	ONG 3 - Associação Cultural e Ambientalista dos Índios Tupinambá de Olivença	27
	ONG 4 - Associação de Proprietários de Reservas Particulares da Bahia ..	30
	ONG 5 - Associação dos Apicultores Ambientalistas de Ilhéus	31
	ONG 6 - Associação dos Moradores e Agricultores do Rio do Engenho e Adjacências	32
	ONG 7 - Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico	34
	ONG 8 - Associação Núcleo da Mulher	35

ONG 9 - Associação para o Desenvolvimento Agroecológico de Comunidades Rurais	37
ONG 10 - Associação Rosa dos Ventos	39
ONG 11 - CARE	40
ONG 12 - Centro de Desenvolvimento Agroambiental e Cidadania	41
ONG 13 - Centro Cultural Profissionalizante Tororomba	42
ONG 14 - Escola Agrícola Familiar Margarida Alves	43
ONG 15 - Fundação Pau Brasil	44
ONG 16 - Grupo Ambiental Fotossíntese	46
ONG 17 - Grupo de Apoio às Comunidades e ao Meio Ambiente	47
ONG 18 - Grupo de Resistência às Agressões ao Meio Ambiente	48
ONG 19 - Instituto Agroambiental Cacau-Cabruca	50
ONG 20 - Instituto Ambiental Boto Negro	51
ONG 21 - Instituto de Ecoturismo da Costa do Cacau	53
ONG 22 - Instituto Pesquisa e Educação sobre Recursos Hidrogeológicos	54
ONG 23 - Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia	55
ONG 24 - Instituto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sociocultural do Sul da Bahia	57
ONG 25 - Instituto Dríades de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade	59
ONG 26 - Instituto Floresta Viva	60
ONG 27 - Instituto Ilheense de Biologia	61
ONG 28 - Instituto Socioambiental Comunidade em Ação	63
ONG 29 - Instituto Tijuípe	64

ONG 30 - Instituto Uiraçu	66
ONG 31 - Instituto Universidade Livre Ambiental de UNA.....	66
ONG 32 - O Instituto Ambiental	67
ONG 33 - Organização Pró-Defesa e Estudos dos Manguezais da Bahia ...	69
ONG 34 – YONIC	71
5 O MULTISSETORIALISMO DO AMBIENTALISMO DO SUL DA BAHIA ...	72
5.1 Períodos da institucionalização	75
5.2 Os Motivos	77
5.2.1 Motivos Ideológicos	77
5.2.2 Motivos Financeiros	78
5.2.3 Quantificação dessas motivações	80
5.3 Área Espacial de Atuação	81
5.4 Os Tipos de Ambientalismo	83
5.5 Discurso e Prática: a realidade	86
5.6 Os Valores	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
7 SUGESTÕES	98
8 REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

Perturbações sociais e ambientais como o crescimento populacional, articulado ao modo de produção, consumo e apropriação dos bens socialmente produzidos, poluição, escassez de água, pobreza persistente e destruição da Mata Atlântica surgem como ameaças efetivas à manutenção da vida na terra.

A percepção da sociedade a respeito desses problemas vem crescendo significativamente, principalmente na última década, onde é notória essa preocupação nos mais variados segmentos, grupos e classes sociais da contemporaneidade, facilmente percebida com o aumento, tanto na quantidade quanto na qualidade, dos debates sobre as questões ambientais.

Por diferentes motivações e necessidades, praticamente todo sujeito individual e coletivo menciona e reconhece o ambiente como dimensão indissociável da vida humana e base para a manutenção e perpetuação da vida na Terra (LOUREIRO, 2000).

Esta preocupação sem sombra de dúvidas é muito mais intensa hoje do que há 20 anos atrás, ao menos nos discursos. Segundo Gil (2003): “cada época e cada cultura constrói uma determinada leitura da natureza. O que significa que a natureza, para além da sua existência física, também é, sempre, uma criação cultural.”

Nesta mesma linha de pensamento, RISÉRIO & PINHO (1997) citados por GIL (2003), afirmam:

É óbvio que toda paisagem, todo cenário que o ser humano delimita no conjunto da natureza, é uma criação ou uma construção sociocultural. A natureza não se oferece para si mesma como

paisagem, como entidade para ser vista ou contemplada. Ao contrário, toda paisagem é estruturada retoricamente. É fruto da semiotização de um determinado segmento do mundo natural. Ou seja: existe à medida que existe uma separação: sujeito/objeto – ou ao menos a partir do instante em que o ser humano se imagina como entidade discreta e distinta do ambiente que o envolve e na qual ele vive. [...] Toda paisagem nasce de um enquadramento cultural, já que articula como um recorte realizado pelo olhar de um animal simbólico.

LEIS (2002), afirma que qualquer solução que vislumbre a resolução dos problemas ambientais e de desenvolvimento, deve estar embasada em uma abordagem que associe o equilíbrio espiritual da sociedade e a harmonia interna do indivíduo, bem como dos indivíduos entre si, e destes com o meio ambiente.

Levando-se em conta tais argumentos, entende-se, que as transformações ambientais de uma região dependem, em primeiro lugar, da composição de idéias que estruturam as pessoas e/ou grupos que ela compõe, sejam entidades governamentais, não-governamentais, ativistas independentes etc.

Dentre esses agentes, as ONG Ambientalistas destacam-se pela sua capacidade de articulação com os mais variados segmentos da sociedade, sejam eles governamentais ou não. Essa importante parcela do movimento ambientalista, que é o foco do nosso estudo, também se caracteriza por ser representante de práticas ambientalistas tanto no país quanto no exterior, isso a partir da década de setenta (LOUREIRO, 2000).

Definidos os agentes a serem investigados, delimitou-se a Região Cacaueira (SEI, 1999), como área geográfica de estudo, por abrigar em seu bojo um importante remanescente de Mata Atlântica, considerado um *hotspot* de biodiversidade, ou seja, um ecossistema de alta biodiversidade intensamente

ameaçado, sendo, portanto, uma área de prioridade para a conservação global, (BRIGHT & MATTOON, 2000).

MASCARENHAS (2004), afirma que “é na região cacauera do Sul da Bahia, onde ainda existem remanescentes de Mata Atlântica original, composta de um alto índice de biodiversidade, assim como uma grande quantidade de espécies em extinção.”

Estas características são ampliadas por ARAÚJO (1997), quando diz que o Sul da Bahia “conserva um dos mais expressivos conjuntos de remanescentes da Mata Atlântica brasileira, constituindo uma das áreas mais importantes de todo o mundo para a conservação das florestas tropicais úmidas.”

O mesmo autor ressalta ainda que além de um importante remanescente e conservador de biodiversidade, contribui para a manutenção da beleza natural da região, o que é de extrema importância para o turismo.

As ONG Ambientalistas estão inseridas neste contexto e possuem, portanto, uma grande responsabilidade a partir do momento em que se propõem a atuar nessa região. Neste sentido julga-se premente conhecer cada uma delas e traçar o seu perfil, pois entende-se que são uma parcela de relativa influência, se não em ações extensivas, ao menos na formulação de políticas públicas socioambientais.

A partir dessas percepções, surgem os objetivos de nossa proposta, que são:

- Compor o quadro das ONG Ambientalistas que atuam na Região Cacaueira da Bahia;
- Identificar a situação atual dessas instituições.
- Traçar o perfil das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira da Bahia, através da análise de seus discursos, identificando valores, motivações e práticas;

Visando atender a esses objetivos, optamos pela pesquisa de caráter qualitativo, por entendermos que com a utilização das suas técnicas, como observação e entrevistas, seria possível identificar as principais motivações para a criação e ações dessas organizações, os valores por elas defendidos, além de facilitar sua classificação de acordo com a proposta feita por VIOLA & LEIS (1995).

Os dados coletados foram trabalhados através da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE, 2003), que proporcionou dar voz aos sujeitos deste estudo.

Com isso, estruturamos este trabalho da seguinte forma:

No segundo capítulo faz-se uma breve revisão sobre a evolução do pensamento ambientalista. No subitem seguinte, o movimento ambientalista ganha maior destaque, onde se discute o *boom* de organizações a partir da década de 90, e a falta de identificação e caracterização de cada uma delas.

No terceiro capítulo descrevemos o universo da pesquisa, assim como justifica-se a opção pela abordagem qualitativa e as ferramentas utilizadas e, também, detalhamos como os dados coletados foram processados.

No capítulo seguinte, apresentamos os discursos das ONG Ambientalistas, onde mesclamos entre transcrições e relatos do histórico de cada uma das 34 organizações estudadas.

No quinto capítulo, os resultados são apresentados em forma de tabela e figuras, onde são discutidos, permitindo assim que se conheça o perfil das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira da Bahia.

2. O PENSAMENTO AMBIENTALISTA

O surgimento e a evolução do pensamento ambiental estão diretamente associados ao desenvolvimento das ciências, ocorrido ao longo da história da civilização, assim como as degradações e alterações ambientais existentes no planeta Terra. Esses processos não se deram em um único país, surgiram em países diferentes, em épocas diferentes. Foram se formando e sendo construídos, à medida que as várias correntes do pensamento científico iam surgindo e amadurecendo, juntamente com o aparecimento de problemas ambientais que envolviam a opinião pública (ANDRADE, 2001).

Nos séculos XVI e XVII, considerados a Idade da Revolução Científica, a noção do universo vivo e espiritual até então defendida, com forte influência religiosa, foi substituída pela idade da máquina, propiciada pelas mudanças ocorridas na física e na astronomia.

Esse período foi marcado pelo forte antropocentrismo, onde, segundo as percepções e sentimentos dos ingleses, a fauna, a flora e a paisagem como um todo, eram de seu domínio e posse, servindo apenas para satisfazer suas necessidades, sem a preocupação de manutenção ou cuidado (THOMAS, 1988).

Nos séculos XVIII e XIX, a humanidade tinha na natureza algo inesgotável de abundância infinita (LEIS, 2002), o que era compreensível na época devido a imensa disparidade entre espaço disponível, capacidade de exploração e número de seres humanos, que ainda era pequena.

O avanço da ciência e sua fusão com a técnica, originaram a Revolução Industrial, que, associada ao modelo de vida capitalista, deu início a uma intensa

aceleração dos processos de uso dos recursos naturais, gerando uma série de conseqüências negativas tanto da exploração da natureza quanto do ser humano.

Ao longo da história do ocidente é, contudo, possível perceber diversos exemplos de situações demonstrando que, mesmo de uma forma isolada e reduzida, as preocupações com o meio ambiente e a ocorrência da degradação ambiental são antigas. Um exemplo dessa afirmação é o registro de mau gerenciamento dos recursos naturais no século I, em Roma, onde começaram a ocorrer quebras de safras de culturas e erosão do solo (McCORMICK, 1992).

Na década de 40 a expressão estudos ambientais começa a ser utilizada por profissionais, a temática ambiental ganha um relativo destaque e tem o Professor Aldo Leopoldo, um importante biólogo americano, como um dos precursores do movimento ambientalista (DIAS, 1999).

Em 1952 registra-se a primeira grande catástrofe ambiental, onde o ar de Londres, densamente poluído, provocou a morte de mais de 1600 pessoas, o que deu início a um intenso processo de discussão sobre a qualidade ambiental na Inglaterra.

Ainda nos anos 50, acentua-se a expansão das multinacionais, com uma estratégia global, que resultaria, nos anos 80, no perfil transnacional. Emerge uma classe capitalista transnacional e um sistema econômico independente das gestões dos Estados Nacionais. Novas tecnologias favorecem a descentralização e a expansão em forma de redes (BOEIRA, 2006).

Diversos acontecimentos merecem destaque na década de 60, entre eles o livro da jornalista americana Rachel Carson intitulado “Primavera Silenciosa”, considerado um clássico do movimento ambientalista, promovendo uma intensa

discussão na comunidade internacional sobre o uso excessivo de produtos químicos na produção agrícola e da fragilidade da natureza frente a ação do homem.

A partir do trabalho dessa jornalista, a temática ambiental passaria a fazer parte das inquietações políticas internacionais e o movimento ambientalista mundial toma um novo impulso, promovendo uma série de eventos que formariam a história (DIAS, 1999).

Ainda nesse período o Clube de Roma lança o documento “Limites do Crescimento”, mostrando que o consumo crescente por parte da sociedade, a qualquer custo, imposto pelo crescimento humano exponencial, levaria a humanidade ao colapso (MEADOWS et al., 1972), influenciando assim o pensamento ambientalista da época. Apesar de sua importância, acabou ofuscando a complexidade do problema, que deveria levar em consideração a articulação entre outros fatores importantes como a economia, a ecologia e a cultura em cada região, por exemplo.

Começaram a eclodir movimentos das mulheres, dos jovens, dos estudantes, dos hippies e das minorias étnicas. Pessoas de diferentes países e grupos aglutinaram-se em torno de novas frentes de lutas, tais como a extinção das espécies, a corrida armamentista, o enfraquecimento da camada de ozônio, desmatamento, crescimento populacional, entre outros (VIOLA, 1987).

O movimento ambientalista foi fortemente influenciado na década de 70 pela Conferência de Estocolmo (Suécia/1972) - onde participaram 113 países - primeiro grande evento a analisar e avaliar a temática ambiental do ponto de vista do que era ambientalmente correto. Esta conferência consolidou as bases da moderna política ambiental adotada por todos os países, com maior ou menor rigor, nas suas legislações particulares (CAPRILES, 2003).

Na primeira metade da década de 70, emerge o ambientalismo no Brasil, porém de uma forma ainda muito insipiente, com algumas poucas associações que realizavam campanhas de denúncias e sensibilização pública, em nível local.

A problematização sobre as questões ambientais passaram da escala regional-nacional para a planetária, ainda na década de 70. A possibilidade latente de problemas como: risco de uma guerra nuclear, modificações permanentes no clima devido a danos na camada atmosférica entre outros, fizeram com que o meio ambiente começasse a deixar de ser um problema somente nacional para transformar-se em uma questão internacional (VIOLA & LEIS, 1991).

Euforia e otimismo caracterizaram as décadas de 70 e 80, marcadas principalmente pela preocupação com o futuro do planeta. (CAMARGO, 2003). Ainda segundo esse autor: “se o objetivo do movimento foi mobilizar a sociedade e sensibilizar os governantes, podemos constatar que, no espaço de trinta anos, ambos os milagres ocorreram.”

As décadas de 80 e 90 foram marcadas por muitos acontecimentos e debates importantes, além do amadurecimento das discussões ambientalistas, principalmente influenciadas por problemas ambientais já conhecidos, deterioração da camada de ozônio, aquecimento do planeta por efeito-estufa, perda da biodiversidade, entre outros.

Ao longo desses períodos é notória uma mudança do modo de pensar dos mais diversos grupos da sociedade, onde é reconhecida a importância da natureza e seu correto manejo para a garantia da qualidade de vida de toda a sociedade.

Em 1992, acontece a Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, que ficaria conhecida como Rio – 92 ou Eco – 92, 20 anos após a Conferência de Estocolmo em 1972.

Um dos produtos resultantes desse encontro foi a Agenda 21, cujo principal objetivo era preparar o mundo para os desafios do século 21 (AGENDA 21, 1997).

Outros acontecimentos paralelos a Rio 92, foram realizados. Um deles foi o, ainda pouco divulgado, Fórum de ONG's Brasileiras (1992), que contou com a participação de quase 1200 entidades, sendo essas, representantes de diversos setores da sociedade, atuantes em diversas áreas, inclusive a ambiental.

Esse fórum foi apenas a culminância de uma série de outros encontros nacionais, e que resultou em um relatório denominado "Relatório do Fórum de ONG's Brasileiras", onde discute-se importantes temas, tanto sociais, quanto econômicos e ambientais. Sendo divididos em três eixos principais, sendo eles:

diagnóstico profundo da origem da degradação social e ambiental; estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional, em favor dos países pobres; estabelecimento de um modelo de desenvolvimento que privilegie as reformas agrária e urbana e combine a manutenção do meio ambiente com a melhoria de vida do ser humano (Relatório do Fórum de ONGs Brasileiras, 1992).

Os debates ambientais ganham força, e preocupar-se com o meio ambiente torna-se uma questão prioritária, ao menos em discursos e propostas.

Os problemas de ordem global, somados aos problemas locais, regionais e nacionais, provocaram uma transformação qualitativa no ambientalismo, que passaria de um movimento minoritário de ativistas e dissidentes para um vasto movimento multissetorial e transnacional (BOEIRA, 2006).

Pode-se, portanto, caracterizar o movimento ambientalista em duas fases: um primeiro momento de denúncias e ações de sensibilização pública e uma segunda fase de institucionalização e busca de uma sociedade sustentável, que em algumas instituições acabam por fundirem-se.

2.1. Diversidade e Necessidade de Caracterização das ONG Ambientalistas

Em resposta à omissão dos governos frente aos problemas socioambientais e da ação destrutiva por parte dos setores empresariais, surge o movimento ambientalista que apresenta em todo o mundo grande diversidade de idéias que o faz ser fortemente multiforme, não obstante o objetivo comum visado por todos os grupos que o compõem (ACOT, 1990). Essas idéias que alimentam o ambientalismo provêm basicamente da ciência, da filosofia, da política e da religião.

BORN (2003) ressalta a importância de se conhecer as organizações ambientalistas que atuam no Brasil. Estudo que deve identificar a realidade de cada uma delas, levando em consideração como e quando cada uma surgiu, quem são as pessoas que participam dessas organizações, qual sua área de atuação e a que extratos da sociedade estão ligadas.

Em 1990, cálculos aproximados (RUNYAN, 1999) indicavam que havia mais de 100.000 ONG trabalhando em vários aspectos de proteção ambiental e a maioria delas fundada entre as décadas de 80 e 90.

Esta proliferação pode ser igualmente diversa em partes do mundo em desenvolvimento, embora a ausência de dados e as grandes diferenças na forma em que a influência é exercida em culturas diferentes tornando isso mais difícil de medir.

“O ecologismo/ambientalismo, ou ainda Movimento Verde é, portanto, um movimento guarda-chuva, que abriga diferentes e expressivos setores da sociedade civil organizada” (Fórum de ONGs Brasileiras, 1992).

Nas últimas décadas, dezenas de organizações não-governamentais foram criadas, ao longo de todo o território nacional,

visando salvar e restaurar os remanescentes de um bioma que presta serviços ambientais e sociais para a maior parte da população brasileira. Aliás, se ainda há alguns remanescentes, é porque a sociedade conta com esse segmento, que luta muito, bravamente, para proteger esses ambientes naturais. As organizações não-governamentais ambientalistas batalham em vários campos – no parlamento, na comunidade local – tentando influenciar políticas nacionais e em espaços da mídia, pela preservação do segundo bioma mais ameaçado do mundo, que só perde para a floresta de Madagascar (CAMPANILI & PROCHNOW, 2006).

Neste contexto, WARREN (2002) considera que, “dada a especificidade destas organizações no contexto latino-americano, uma conceituação adequada pressupõe a adoção de critérios relativos a sua historicidade e funcionalidade”

A mesma autora ainda destaca a importância de se entender o papel exercido pelas ONG nas transformações sociais.

Por outro lado, seria possível se adotar a chamada perspectiva posicional, na qual se privilegiam as diferentes idéias e valores defendidos por distintas ONG. De início, essa perspectiva revela que o movimento ambientalista não é monolítico e que há enormes diferenças entre visões de mundo e, portanto, estratégias e alternativas para resolução das questões ambientais do desenvolvimento humano, (BORN, 2003).

Essa complexa diversidade leva a um amplo leque de ações por parte desses agentes, ou seja, diversas áreas ambientais são contempladas em função dessa variedade de visões.

LEIS (2002) considera que tanto o socialismo quanto o ambientalismo “são parte de um processo multidimensional extremamente complexo, que alcança sua maior riqueza teórica e prática no momento atual.”

O Movimento Ambientalista está em evidência atualmente, porém, trabalhos que objetivam detalhar ações, perfil e valores dessas instituições são pouco encontrados e normalmente pouco específicos.

Embora esteja claro que essas organizações estão se proliferando a um ritmo explosivo, o que é mais difícil de discernir, são exatamente esses grupos, e qual seu principal foco de ação. Definidos de uma forma genérica, a maioria é particular (não são partes de entidades governamentais nacionais ou internacionais), sem fins lucrativos, com um componente voluntário. Realmente, há uma necessidade premente para uma nomenclatura mais específica que ajude a delinear esses grupos por suas fontes de financiamento, participação e objetivos declarados, (RUNYAN, 1999).

Pode até parecer ingenuamente utópico esperar que grupos de indivíduos com idéias similares, trabalhando em todo o mundo, sem uma coordenação centralizada, sejam capazes de apresentar soluções para esses dilemas, porém estão hoje influenciando decisões e ajudando a estabelecer agendas que antes eram atribuições exclusivas de corporações, governos e entidades intergovernamentais.

Percebe-se que, isolada em si mesma, a questão ambiental não é problema, não é solução, não é nada. Isso nos leva a perceber que ela só tem sentido quando inserida em um contexto sócio-político-econômico, cujos efeitos passam a não ser mais localizados, mas se tornam problemas da quadra, do bairro, da cidade, do estado, do país, do continente - do planeta, como um todo. Assim, evidencia-se a necessidade imperiosa da participação de todos os níveis interessados no processo de ajudar os indivíduos e grupos sociais a sensibilizarem-

se e a adquirirem consciência do meio ambiente global e suas questões, (SOBREIRA, 2002).

Funda-se aí a emergência da responsabilidade social das organizações ambientalistas, que se consubstancia na sua relação com o seu ambiente de atuação e assume diversas formas entre as quais se inclui o desenvolvimento de atividades de pesquisa e ação educativa que promovam uma relação sustentável homem/natureza e se consolida na difusão de conhecimento relevante para a solução de problemas sociais e ambientais.

É, portanto, indispensável conhecer os valores, ações e motivações que orientam as ações das ONG Ambientalistas, pois essas, fazem parte do movimento ambientalista que possui, juntamente com outros movimentos, condições de desenvolver novos valores e conhecimentos (LEIS, 2002).

3. METODOLOGIA

3.1. Universo da Pesquisa

Esta pesquisa teve como foco de estudo as ONG Ambientalistas localizadas nos limites da Região Cacaueira da Bahia (área destacada em amarelo), conforme a figura a seguir.

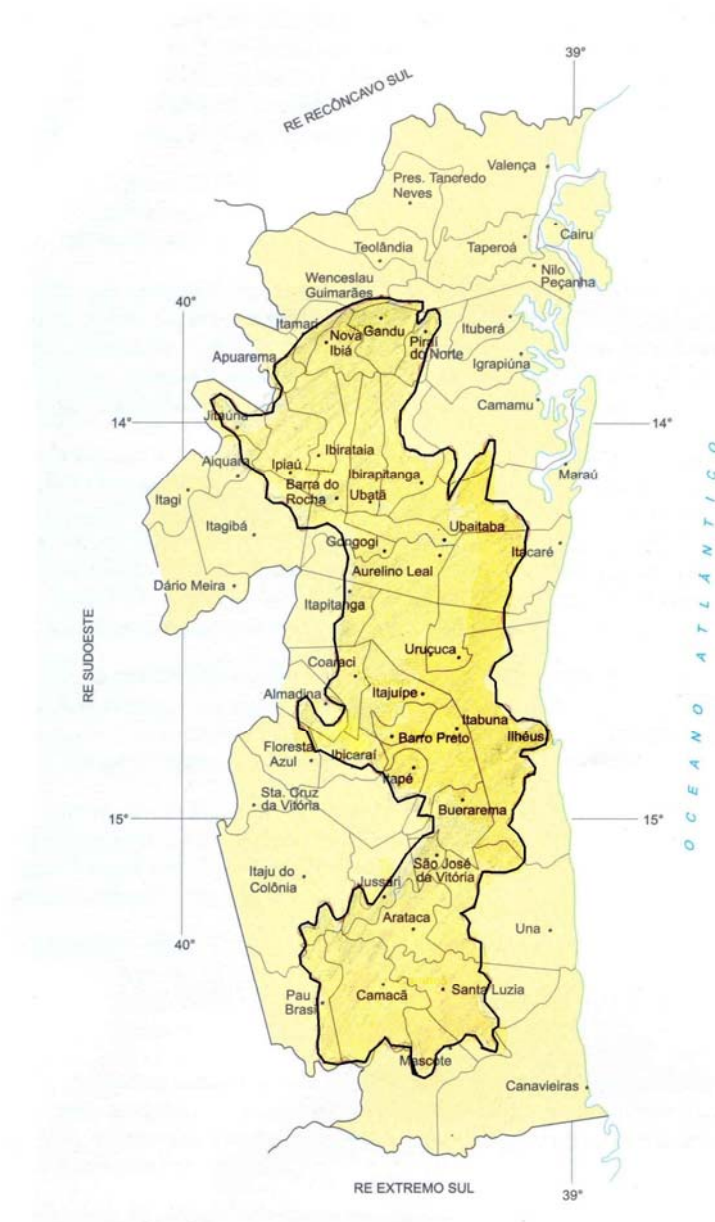


Figura 1 – Divisão Política Administrativa (Litoral Sul) – Região Cacaueira em destaque. Adaptado da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 1999).

Partindo da delimitação da área de estudo e dos agentes pesquisados, utilizou-se os seguintes critérios para definir uma organização como ambientalista:

- possuir a palavra ambiental e derivações em seu nome;
- participar de assembleias, encontros e outras ações como organizações ambientalistas;
- por encontrá-las em cadastros ou inventários de instituições ambientalistas;

3.2. Opção Metodológica

Optou-se pela perspectiva da pesquisa qualitativa, pois responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, (MINAYO, 1999).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de variáveis não-quantificáveis, ao nível dos significados, representações, valores e atitudes, o que permite explicitar a dinâmica das relações sociais. A opção metodológica qualitativa não implica no menosprezo à quantificação de respostas/categorias, mas no entendimento diferenciado do objeto social no âmbito da pesquisa (LOUREIRO, 2000).

A escolha dessa abordagem metodológica justifica-se a partir do momento em que reconhecemos que nos permite a utilização das ferramentas mais adequadas para alcançarmos os objetivos propostos.

3.3. Desenvolvimento da Pesquisa

O trabalho foi dividido em três etapas, a saber:

a) Definição do número de ONG Ambientalistas a serem investigadas

(1ª Etapa):

Constituiu-se de um inventário das instituições encontradas na Região Cacaueira (Sul da Bahia) delimitada pela pesquisa, feito através dos cadastros existentes sobre instituições ambientalistas.

As ONG levantadas para a pesquisa foram extraídas do inventário feito pelo projeto do “Corredor Central da Mata Atlântica: Diagnóstico do Terceiro Setor” (MATOS, 2003), que propôs-se a realizar um estudo sobre as ONG que atuavam no *hotspot da Mata Atlântica*, para fornecer subsídios para a preparação da estratégia do Programa “Fortalecimento Institucional” do Fundo de Parceria para os Ecossistemas Críticos (Critical Ecosystem Partnership Fund – CEPF) para o Corredor Central da Mata Atlântica.

Pôde-se compor o quadro das ONG divulgado por MATOS (2003), através das seguintes fontes:

- Instituto de Estudos Ambientais Mater Natura (www.maternatura.org.br);
- Sistema Estadual de Informações Ambientais da Bahia (SEIA) / Cadastro Estadual de Entidades Ambientalistas (CEEA) (www.seia.ba.gov.br);
- Rede de ONG da Mata Atlântica (www.redemataatlantica.org.br);

- Assembléia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente de Ilhéus (APEDEMA-ILHÉUS).

Com base nestes cadastros foram identificadas 34 ONG Ambientalistas existentes na Região Cacaueira do Sul da Bahia.

b) Entrevistas

(2ª Etapa):

A etapa seguinte foi realizar as entrevistas com seus representantes e/ou dirigentes, que foram contatados por telefone, por correio eletrônico e por contatos pessoais. Nesse primeiro momento esclareceu-se aos entrevistados os objetivos da pesquisa e solicitou-se autorização para registrar a entrevista por meio de gravador digital. Como não foi solicitado aos entrevistados a divulgação de seus nomes, optou-se por identificá-lo apenas como “o entrevistado”.

Algumas entrevistas não puderam ser realizadas, (apesar de todos os representantes das ONG identificadas terem sido contatados), alguns por impossibilidade de tempo, outros por motivos que desconhecemos, pois diversas foram as tentativas de contato. Sendo assim, das 34 ONG estudadas:

- 5 ONG foram analisadas através de documentos encontrados (principalmente na internet). Esta análise justificou-se pela dificuldade que tivemos em realizar as entrevistas com seus representantes. Os documentos consultados atenderam as exigências da pesquisa;

- 29 ONG foram estudadas através das entrevistas fornecidas por seus representantes legais ou por pessoas indicadas pelos mesmos. As informações

fornecidas por esses agentes foram gravadas (sob autorização prévia) e, em alguns casos, quando disponível, também utilizamos os documentos existentes sobre elas.

Com base em RUMMEL (1997), a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Esta é aliás, uma das principais técnicas de trabalho nas ciências sociais. Ela desempenha importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas.

É importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista.

Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionários ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.

Segundo NETO (1999) “a entrevista, em um termo bastante genérico, é entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos.”

Especialmente nas entrevistas semi-estruturadas, onde não há a imposição de uma proposta com base nas informações que o pesquisador detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

No planejamento das entrevistas desta pesquisa, seguiu-se alguns passos, visando a correta coleta de dados:

1 - Determinou-se quem deveria ser entrevistado;

2 - Elaborou-se o plano da entrevista / questões a serem perguntadas (conforme roteiro a seguir):

- Dados da instituição (nome, data de fundação, área espacial de atuação).
- História da ONG (Como tudo começou?).
- Missão / Objetivos da ONG.
- Projetos desenvolvidos pela ONG.
- Situação atual da instituição.
- Outros questionamentos surgiram a fim de refutar ou corroborar as respostas que foram sendo fornecidas.

3 - Realizou-se uma prova preliminar do plano de entrevista;

4 - Com base nos resultados da “entrevista teste”, onde foi verificada a sua precisão e a fidedignidade, deu-se início a coleta de dados com a utilização desta técnica.

Além das técnicas para coleta de informações, diretamente das pessoas envolvidas, como descrito anteriormente, também pode-se utilizar a análise documental que constitui-se em uma ferramenta valiosa de abordagem de dados qualitativos, utilizadas neste caso para complementar as informações já obtidas.

Esta técnica foi utilizada no caso das ONG que não conseguimos realizar as entrevistas e, também, para as outras instituições, visando confrontá-los com as informações fornecidas através das entrevistas.

São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informações” (PHILLIPS, 1974). Estes incluem desde leis e

regulamentos, currículos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão, livros, estatísticas e arquivos escolares.

A partir da análise dos documentos e da transcrição das entrevistas, iniciou-se a organização e análise dos dados, que caracterizam a terceira etapa desta pesquisa.

c) O Discurso do Sujeito Coletivo

(3ª Etapa):

Quando o foco da pesquisa era investigar o pensamento coletivo sobre um tema específico, normalmente e tradicionalmente se decompunha o tema em uma série de questões com algumas alternativas de resposta, ou seja, lançava-se mão da pesquisa quantitativa.

Para LEFÈVRE (2003), “esse modo de pesquisar, contudo, é inadequado quando o objeto é o pensamento coletivo porque não permite uma correta apreensão desse pensamento como objeto de investigação.”

LEFÈVRE ainda reforça o fato de que a utilização da pesquisa tradicional, com resultados unicamente quantitativos, para o estudo e análise do discurso, deforma severamente os resultados.

É fato bastante conhecido que a mente humana é altamente seletiva. É muito provável que, ao olhar para um mesmo objeto ou situação, duas pessoas enxerguem diferentes coisas.

Quando se diz que uma determinada coletividade tem um pensamento sobre um dado tema, conseqüentemente está dizendo que ela professa, ou adota, ou usa um ou diversos discursos sobre o tema.

Optou-se por utilizar o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC¹) na organização e tabulação dos dados levantados em nossa pesquisa, por acreditarmos na idéia do pensamento como algo essencialmente discursivo, onde nos é possível obter descrições de pensamentos, crenças e valores em escala coletiva através da soma dos discursos (LEFÈVRE, 2003). A proposta para a construção do DSC implica na utilização de quatro figuras metodológicas: Expressões-chave, Idéias centrais, Ancoragem e por fim a composição do Discurso do Sujeito Coletivo, detalhadas a seguir:

- *Expressões-chave (ECH)*: são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que revelavam a essência do pensamento do indivíduo. Normalmente correspondem às questões de pesquisa;

- *Idéias centrais (IC)*: é um nome ou expressão lingüística que descreve da maneira mais sintética e fidedigna o sentido do depoimento;

- *Ancoragem (AC)*: algumas ECH podem remeter a uma AC e não uma IC, quando a manifestação lingüística explicita uma determinada teoria, ideologia ou crença do entrevistado, o que não foi o caso neste estudo, mas constitui-se como parte da metodologia para que se entenda o método por completo.

¹ Diversos trabalhos vem sendo realizados com a utilização da técnica do DSC: LEFÈVRE & SIMIONE, 1999; TEIXEIRA, 2003; GIBERTONI & FALCÃO, 2003; BARBOZA & FRACOLLI, 2005 entre outros.

Por fim, faz-se a unificação dos “pedaços de discursos individuais” – DSC – como em um quebra-cabeças, lançando mão de tantos discursos-síntese quantos forem necessários, a fim de representar um dado pensar.

Com a utilização das ferramentas acima descritas, foi possível identificar as principais motivações para a criação e ações das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira, os valores por elas defendidos, além de facilitar sua classificação de acordo com a proposta feita por VIOLA e LEIS (1995), onde é sugerida a existência de 8 tipos de ambientalismo, sendo eles: ambientalismo *stricto sensu*, ambientalismo governamental, socioambientalismo, ambientalismo dos cientistas, ambientalismo empresarial, ambientalismo dos políticos profissionais, ambientalismo religioso e ambientalismo de educadores, jornalistas e artistas.

1. Ambientalismo *Stricto sensu*: associações e grupos comunitários ambientalistas, podendo ser diferenciados em profissionais, semiprofissionais e amadores.

2. Ambientalismo Governamental: agências estatais do meio, nos níveis, municipal, estadual e federal.

3. Socioambientalismo: ONG, sindicatos e movimentos sociais que têm outros objetivos principais, mas que incorporam a proteção ambiental como uma dimensão relevante de sua atuação.

4. Ambientalismo Científico: pessoas, grupos e instituições que realizam pesquisa científica sobre a problemática ambiental.

5. Ambientalismo Empresarial: gerentes e empresários que pautam o processo produtivo e investimentos de sua empresa no critério de sustentabilidade ambiental.

6. Ambientalismo dos políticos profissionais: lideranças partidárias que buscam incorporar a dimensão ambiental na formulação de políticas;

7. Ambientalismo Religioso: representantes das várias religiões e tradições espirituais que vinculam a problemática ambiental à consciência do sagrado e do divino.

8. Ambientalismo de Educadores, Jornalistas e Artistas: indivíduos, organizados coletivamente ou não, preocupados com as questões ambientais e com grande capacidade de influenciar as massas.

Como o enfoque dessa pesquisa são as ONG, os Ambientalismos governamental, empresarial e políticos profissionais não foram utilizados.

4. DISCURSO AMBIENTALISTA DAS ONG SUL BAIANAS

4.1. Historiografia

A história das instituições nos foi contada por seus representantes em entrevistas gravadas (em sua maioria), e estão descritas de forma resumida abaixo.

As ECH e IC foram extraídas desses discursos, e os detalhes de como procedeu-se para essa extração encontram-se no apêndice.

A apresentação das ONG está colocada em ordem alfabética e para identificá-las utilizamos a sigla ONG e números que as representarão a partir deste capítulo.

Os nomes dos entrevistados foram suprimidos, pois solicitamos apenas a autorização para a gravação das entrevistas e não para a divulgação dos seus nomes, por isso nos relatos a seguir os identificamos como “entrevistados”.

ONG 1 - Assembléia Permanente das Entidades em Defesa do Meio Ambiente de Ilhéus – APEDEMA/IOS

- Fundação: 2005
- Fonte de consulta: Entrevista
- Área Geográfica de atuação: Ilhéus

Segundo o entrevistado, tudo começou com sua participação, em 2004, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. No seu retorno a Ilhéus, observou que, apesar da existência de sérios problemas ambientais, o Conselho de Meio Ambiente

de Ilhéus (CONDEMA de Ilhéus) não conseguia se reunir a mais de 6 meses e as únicas ONG que faziam parte desse conselho eram a FUNPAB, o IESB, a ORDEM e o JUPARÁ.

A observação desses problemas juntamente com conversas que o entrevistado teve com Pablo (presidente do CONDEMA de Ilhéus na época) e Marcelo (representante do IESB), no “Café da Praça”, o levou a entender que deveria haver mais pessoas / instituições agregadas à causa ambiental.

Destacamos aqui o “Café da Praça da Catedral de Ilhéus”, pois, conforme o entrevistado: *“o café da praça é o local onde acontecem as coisas. Foi lá onde eu comecei a conhecer as pessoas e representantes de instituições. Foi onde eu conheci muita gente.”* O que é corroborado por nós, quando grande parte das entrevistas que realizamos foi nesse local.

A partir das conversas informais com outros companheiros, surgiu a idéia de criar a APEDEMA, um coletivo de debate, troca de experiências e fortalecimento institucional e com isso, agir nas questões ambientais urbanas principalmente.

Para que o trabalho pudesse começar a ser feito, era necessário que as ONG fossem identificadas. A primeira fonte de pesquisa do entrevistado foi o trabalho de MATTOS (2003), onde ele identificou 8 instituições. *“Aí eu comecei a garimpar outras”*. Até o dia que realizamos a entrevista. Existiam 16 organizações cadastradas na APEDEMA, atualmente são mais de 20.

Segundo o entrevistado:

“Formar uma ONG não pode ser só empolgação, hoje deve haver uma visão muito mais profissional”

“Muitas das instituições que participam da APEDEMA são do perfil de criação por empolgação.”

A APEDEMA mobiliza e organiza mensalmente as entidades ambientalistas para discutirem sobre os problemas que enfrentam, sobre as questões ambientais e para conhecerem-se e planejar ações conjuntas. Está em pleno funcionamento, apesar das dificuldades que tem de mobilizar todas as instituições para as reuniões.

ONG 2 - Associação Brasileira de Apoio aos Recursos Ambientais – ABARÁ

Fundação: 1997

Fonte de consulta: Entrevista, www.abara.org.br e MATOS (2003)

Área geográfica de atuação: Almadina, Coaraci, Ibicaraí, Itajuípe, Barro Preto, Uruçuca, Itabuna e Ilhéus.

Algumas pessoas observaram uma série de agressões na bacia: desmatamento, poluição, assoreamento, falta de água e falta de conscientização comunitária sobre estes problemas. Formou-se então um grupo, que começou a desenvolver trabalhos de Educação Ambiental para enfrentar os problemas existentes. Um dos participantes deste grupo, [...] foi contratado para fazer a comunicação do PED - Projeto de Execução Descentralizada, que era um consórcio intermunicipal (Coaraci, Itajuípe e Uruçuca). Pensou-se na oficialização do grupo para direcionar os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos, o que foi concretizado com a criação da ABARÁ.

Criaram então a ABARÁ, com a missão de planejar, promover e executar estudos e ações pertinentes ao desenvolvimento sustentável das comunidades que compõem a Área de Proteção Ambiental da Lagoa Encantada e rio Almada (bacia

do rio Almada) através do fortalecimento do associativismo e organização social de base.

Algumas ações foram realizadas: Assessoria à Associação de Pequenos Produtores residentes nas margens do Rio Almada; co-gestão da APA da Lagoa Encantada, cursos e seminários de educação ambiental para as comunidades, publicação de um jornal, cartilhas, folders e de um vídeo sobre a lagoa entre outras.

É interessante ressaltar que o nome da instituição foi alterado (sendo anteriormente: Associação Pró-bacia do Rio Almada), segundo seu representante *“porque o antigo referia-se especificamente a uma região do Estado da Bahia (o Almada). Assim ficávamos impossibilitados de atuar fora do Estado, como pretendemos.”* Atualmente a instituição desenvolve um Projeto Socioprodutivo no Semi-árido que tem por objetivo promover a mobilização, sensibilização e organização socioeconômica e ambiental em quinze comunidades e assentamentos rurais, de quatorze municípios das regiões nordeste e sudoeste do Estado da Bahia e o Projeto Diagnóstico Socioambiental da APA da Lagoa Encantada e Rio Almada; participam ainda da Secretaria Executiva do Conselho Gestor da APA da Lagoa Encantada e Rio Almada e publicam um jornal com divulgação das atividades e outras informações socioambientais, além de folders e cartilhas.

ONG 3 - Associação Cultural e Ambientalista dos Índios Tupinambá de

Oliveira

- Fundação: 2003
- Fonte de consulta: Entrevista
- Área geográfica de atuação: Comunidade Tupinambá de Oliveira.

“Iniciamos um processo de reorganização da luta indígena a partir de 1995 e em 15 de fevereiro de 2003, nós criamos uma associação cultural e ambientalista, numa tentativa de dar apoio a uma organização já estabelecida pela cultura.”

A organização foi criada pois, possuindo razão social, era possível propor projetos e representar legalmente os índios com vistas ao fortalecimento da cultura indígena, *“que tinha sido perdidas nesses anos de convivência de aculturação.”*

Com o objetivo principal de promover o resgate histórico e defesa do patrimônio territorial, ambiental e cultural do povo Tupinambá de Oliveira, o entrevistado ainda coloca que a missão da Associação é:

Captar recursos para benefício da comunidade Tupinambá. E buscar o que é desse povo por direito (saúde, educação e tecnologia), sempre preservando seus costumes e tradições. Sermos integrados a sociedade não índia de forma equilibrada, preservando nossa cultura, nossos chás, nossos matos, nosso pagé, nosso cacique. Cuidar do meio ambiente, respeitar, trabalhar, mas dentro de um aspecto de que a gente possa tirar tudo da natureza sem devastá-la.

A ONG vem atuando de forma diferenciada, pois, segundo o entrevistado, a comunidade tinha inicialmente, a preocupação em mostrar a luta do povo Tupinambá e a associação visa o

[...] fortalecimento interno, reforçar a questão cultural e se aproximar

mais daqueles índios que permaneceram na terra. Aí criar uma política para esse povo. A gente já passou todas as etapas de organização do povo pra ser visível na cidade de Ilhéus, hoje a gente tem índios que moram em outros bairros em consequência disso, tem o pessoal que moram nas periferias do Teotônio Vilela, Nelson Costa, Nossa Senhora da Vitória. E com a entrega do relatório, a gente acha que esse é o momento de se preocupar com a demarcação da terra.

Uma ação importante é sua função como interlocutora entre comunidade e governo. Além disso, o entrevistado diz que:

Por um período os índios foram submetidos a uma concepção dos colonizadores, que o individualismo, e aí nunca tivemos a oportunidade de pensar coletivamente, então a associação teve um papel primordial, são 22 comunidades, as lideranças das comunidades se conhecem hoje, se conversam entre si né, através dessas atividades que a associação foi promovendo, seminários, encontros e palestras com as ONG, mais voltada para a questão cultural e ambiental.

Apesar da preocupação com as questões ambientais, a única ação concreta da instituição com foco principal na questão ambiental foi a realização de um seminário:

A gente no ano passado, fizemos assim de relevância o primeiro seminário socioambiental, onde foram detectados vários problemas com relação ao meio ambiente, as agressões ao meio ambiente. Também vimos a importância que a gente, que tá em uma região de Mata Atlântica, tá sendo estudada para formar corredores ecológicos e a gente partiu do princípio de que os índios são os que mais preserva que tem uma relação melhor com a natureza, então não queremos essa área demarcada só para a comunidade Tupinambá. Que ela sirva também de estudo, de estratégia para que a gente possa conhecer um pouco mais da biodiversidade e

preservar uma área que tem muitas preocupações internacionais porque a gente está prestes a perder uma riqueza imensa.

Trabalhos de cunho sociocultural são realizados dentro da comunidade, porém, na área ambiental, não pode-se evidenciar nada concreto na entrevista concedida, além do que já foi relatado acima.

ONG 4 - Associação de Proprietários de Reservas Particulares da Bahia –

PRESERVA

Fundação: 2000

Fonte de consulta: Entrevista e www.preserva.org.br

Área geográfica de atuação: Estado da Bahia e Sergipe

A PRESERVA, foi fundada em Agosto de 2000, durante o II Encontro de Proprietários de RPPNs da Bahia. Este evento, organizado pelo Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia – IESB, proporcionou o momento para que 15 proprietários de reservas resolverem criar uma instância que os representa-se no cenário das reservas privadas a nível nacional.

Após a criação da PRESERVA, demorou um pouco para que o grupo conseguisse organizar-se, passando 2 anos instalada nas dependências do IESB.

A partir desse período, outras possibilidades foram surgindo, a instituição começou a criar seus próprios projetos. Até que conseguiram apoio financeiro de uma instituição estrangeira para fortalecimento institucional, que ajudou a estruturação da ONG, *“ela aproveitou tão bem que hoje tem os seus projetos.”*

A Preserva vem desenvolvendo alguns projetos, projetos de políticas públicas, vem atuando em vários fóruns a nível local, a nível estadual, presente no conselho gestor de unidades de conservação [...] integra até a própria confederação nacional de proprietários de RPPNs.

A PRESERVA é responsável pela articulação dos proprietários de RPPNs da região Nordeste, apoiando a criação de novas representações de proprietários.

Atuou em outros estados como: Piauí, Ceará, Alagoas e Sergipe, colaborando com a criação de representações de proprietários de RPPNs. Teve grande importância para que o Estado reconhecesse as RPPNs.

Atuam também no apoio a elaboração de plantas para a criação de RPPNs e apoio para a gestão dessas áreas.

A PRESERVA, como pode-se perceber acima, tem participação em diversos comitês e conselhos, discutindo e propondo alternativas e benefícios para proprietários de RPPNs, além de apoiar o planejamento e a implantação de Reservas.

ONG 5 - Associação dos Apicultores Ambientalistas de Ilhéus

Fundação: 1999

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Ilhéus

Problemas de saúde com o filho do entrevistado e a recomendação de um médico naturalista, de ministrar mel ao invés de açúcar para curar a doença, o fez começar a produzir mel. Um curso foi realizado por ele e a produção de mel

começou. Novas pessoas começaram a ser treinadas pelo entrevistado, assim, novos produtores foram surgindo. Porém as pessoas não davam credibilidade ao mel produzido, pois não tinha registro.

Aí eu vi alguém falando que se montasse uma associação o governo dava apoio, ajudava e tinha até financiamento para aumentar o apiário e o governo até montava a casa de mel para vendermos nosso mel [...] eu e meu amigo iniciamos o processo de criação da associação e de repente nos tínhamos umas 15 a 20 pessoas na associação, nós colocamos mulher, irmã e outras pessoas para encher o quadro.

Alguns equipamentos foram adquiridos pela associação, porém, por incompatibilidades ideológicas e principalmente pela dificuldade que encontraram em conseguir financiamento, “*por esse e outros motivos a associação não decolou.*”

ONG 6 - Associação dos Morados e Agricultores do Rio do Engenho e

Adjacências – AMAREA

Fundação: 1999

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Rio do Engenho

“Com a Vassoura de Bruxa nossa região quebrou, o cacau está começando a produzir mas muito pouco.”

Essa situação levou os pequenos agricultores da localidade do Rio do Engenho a unirem-se, pois, segundo entrevistado, presidente da Associação, os maiores agricultores naquele local, são aqueles com 30 hectares de terra, o restante

possui áreas menores.

“Nós somos um grupo de pequenos produtores e o que tem a área maior tem 30 hectare, então tem de 30 pra baixo, tem de 10, 3, 2, até de uma hectare, tem lá.”

Esta realidade, dificultava a aquisição de financiamento junto às casas de crédito.

“Num banco, então você com uma área de 30 hectare, eles não te financia nada, não abre crédito pra nada. Então um produtor com 30 hectare pra baixo não tem valor nenhum.”

Pelo exposto, os agricultores do Rio do Engenho buscaram alternativas e dentre elas surgiu a idéia de montar uma associação, pois solicitando financiamento em grupo, seria menos difícil.

“Aí surgiu a idéia de formar a associação, não somente esse motivo (financiamento), mas também reivindicar, nossa região ela é muito atrasada, não tinha linha de ônibus freqüente, o transporte era quase só particular.”

Esses agricultores, em um curso de capacitação promovido pela CEPLAC, construíram um projeto que foi financiado pelo banco.

A proposta foi de produzir de forma orgânica, por sugestão de um técnico agrícola formado pela Escola Média de Agropecuária Regional da CEPLAC (EMARC), que também é produtor da área. Por ser algo novo na época (segundo entrevistado), o Banco demorou 2 anos para a liberação do crédito.

Além da aprovação do projeto acima relatado e da conquista de algumas benfeitorias para a comunidade, a Associação não possui mais nenhuma atividade.

ONG 7 - Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico

Fundação: 2005

Fonte de consulta: Entrevista e www.novoencanto.org.br

Área geográfica de atuação: São Paulo, Ilhéus, Una e região.

A Associação Novo Encanto existe desde 1990, (matriz instalada em Campinas – SP) tendo suas ações regidas principalmente por uma Carta de Princípios, que entende a *“Natureza como Sagrada, da qual o Homem é parte integrante e não um dominador absoluto.*

Desenvolve atividades de Educação Ambiental, participa de conselhos entre outras ações.

Surgiu a proposta de se criar uma filial da Novo Encanto na região e a entrevistada, sentindo a necessidade de poder atuar de forma mais extensiva, buscou informações e hoje é representante da instituição em Ilhéus.

[...] É importante a gente fazer alguma coisa prática, pois daqui a pouco não vai ter nem o que pesquisar mais. Eu vou continuar com pesquisa, mas eu estou querendo desenvolver projetos na área mais aplicada. Aí tem essa possibilidade da Novo Encanto.

A ONG ainda não está em funcionamento, apenas em fase de contatos.

ONG 8 - Associação Núcleo da Mulher

Fundação: 1998

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Sul de Ilhéus

Com as capacitações que a entrevistada participou, começou a realizar trabalhos de prevenção contra AIDS na escola, assim como palestras etc.

Em 1996/1997, começou a acompanhar o trabalho de um grupo da igreja católica que fazia uma atividade social nos morros.

Com o acompanhamento feito nessas visitas, observou que *“a questão da saúde que era muito precária, principalmente a questão da informação, elas tinham muitos filhos e os filhos tinham doenças que a gente pode prevenir.”*

Fazendo capacitação pelo Estado, aprendeu a construir projetos, aliou esse conhecimento com a realidade que viu nos morros e começou a organizar uma série de eventos para chamar a atenção das autoridades para esses problemas. No dia 8 de março de 1997, realizou um grande evento, levando diversas mulheres para as ruas.

Aí, uma instituição alemã, a Human Network que ainda não estava no Brasil [...] viu essa caminhada, fotografou. Chamou a atenção o trabalho! Aí depois eles fizeram contato com a gente e disseram: “Por que vocês não formam uma ONG? Vocês podem estar captando recursos fora. Foi aí que despertou.”

A partir daí, a entrevistada mobilizou um grupo, que organizou todos os papéis e criou o Núcleo da Mulher, com a missão de contribuir para melhorar a qualidade de vida da população de Ilhéus, prioritariamente mulheres, jovens e

crianças, através de ações educativas, informativas, sociais, de saúde, profissionalização e promoção humana.

Com a instituição criada, montaram um Núcleo de Saúde no CAIC para atender alunos e comunidade.

Entre 2001 e 2002 desenvolveram 3 projetos financiados pelo Ministério da Saúde e apoiados pela Human Network (sendo um deles com reciclagem e os outros na área da saúde), o que oportunizou o aluguel de uma sede por um tempo.

Eu acho que a questão de educação ambiental é o todo, todos os pequenos projetos que a gente tem hoje está dentro de educação ambiental [...] tudo passa pela educação ambiental.

As ações do núcleo visam:

[...] a profissionalizar as mulheres, melhorar a qualidade de vida das pessoas através da Educação Ambiental, diminuir a incidência das DST/HIV/AIDS através da prevenção e através do atendimento ginecológico e exame preventivo.

Cursos de cabeleireiro, pintura, bordado, corte e costura entre outros foram ministrados pela ONG, além de assistência médica e educacional à comunidade, principalmente da zona sul de Ilhéus.

Uma proposta de reciclagem foi construída em parceria com a UESC, enviado para o CNPQ e aprovada. As atividades iniciarão este ano onde os resíduos serão recebidos e vendidos para a indústria, começando na zona sul de Ilhéus. Outra proposta foi encaminhada para a FAPESB, solicitando os recursos que faltavam para complementar o projeto, mas ainda não obtiveram resultado.

ONG 9 - Associação para o Desenvolvimento Agroecológico de Comunidades

Rurais – JUPARÁ

Fundação: 1995

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Ilhéus, Una, Canavieiras, Ubaitaba, Ubatã, Ituberá, Aurelino Leal, Lino Peçanha e Itabuna.

Antes a luta foi pela posse da terra, toda luta pela reforma agrária que ainda não acabou. Mas depois, num determinado momento a gente percebeu que precisava travar uma luta pra que essas famílias permanecessem na terra, e permanecessem na terra com um diferencial. Por exemplo, a gente sabe que essa região por um longo tempo teve uma prática, vamos dizer assim, até agroecológica no passado, mas a gente sabe também que com a introdução da CEPLAC, junto veio o pacote tecnológico que introduziu todos os agroquímicos na região. Então a gente percebeu que havia necessidade de se fazer uma proposta que os pequenos pudessem, além de poder permanecer na terra, ter um diferencial que era de fazer da terra um parceiro e não como a gente sempre diz, que era como um gigolô da terra. Os fazendeiros que fizeram aqui, só tirando, tirando, tirando, sem repor nada, nem na terra, nem na região [...] os grandes fazendeiros nem na região viviam.

O grupo também percebeu que não existia uma política voltada para os pequenos agricultores, embora sendo uma região tradicionalmente formada por pequenos produtores. Observaram também que o acompanhamento técnico realizado pelos órgãos públicos era focado só no homem, e o grupo entendia que era necessário envolver toda a família no processo.

Na década de 60, o trabalho inicialmente era voluntário, sendo vinculado à igreja, porém, devido a algumas limitações da mesma, o grupo precisou optar por

qual lado lutaria.

Com objetivo definido, que era lutar pelos pequenos agricultores, corriam muitos riscos, pois suas ações eram basicamente de fazer denúncias a favor dos pequenos agricultores e pedir proteção para as pessoas ameaçadas.

Com isso, sentiram a necessidade de organizarem-se, surgindo então o JUPARÁ, com a missão de promover através da Educação Ambiental, o manejo ecológico, a inserção social das famílias rurais e com tudo isso trazer desenvolvimento econômico, funcionando como instituição de assessoria.

Mas o grupo entendia também que era necessário ter uma entidade que representasse esses pequenos agricultores, criando depois de 10 anos a COOPASB (Cooperativa de Pequenos Produtores Agroecologistas do Sul da Bahia), uma organização formada por famílias assentadas e por agricultores tradicionais, aonde todos os seus cooperados trabalham com agroecologia. *“Mas a luta pela reforma agrária continua.”*

Atualmente a instituição desenvolve alguns projetos com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Com a COOPASB tem buscado a viabilidade econômica da produção, sempre com a produção de cacau orgânico, verticalização da produção, agroindústria, diversificação de culturas e aproveitamento de todas as fruteiras existentes nas propriedades, visando o aumento da capacidade econômica e qualidade de vida das comunidades. Estão iniciando a instalação de biodigestores com tecnologia de uma entidade internacional. Grande parte de suas ações são desenvolvidas através de Educação Ambiental e assistência técnica.

ONG 10 - Associação Rosa dos Ventos

Fundação: 1999

Fonte de consulta: <http://rosadosventos.free.fr/>

Área geográfica de atuação: Comunidades Rurais de Itacaré

A observação do restrito acesso das crianças do meio rural às escolas, da elevada taxa de analfabetismo de adultos e da insuficiência em número e em qualidade de ensino dessas escolas (no meio rural de Itacaré), motivou um grupo de mais de 50 franceses e brasileiros, mobilizados pela Sra. Isa et Hugues de Rincquesen, a fazer algo por esta população, visando ajudá-los a encontrar uma maneira de melhorar a sua forma de vida, sobretudo em relação à educação e treinamento profissional.

Em julho 1999, criam no Brasil (Itacaré-BA) e na França a Associação Rosa dos Ventos, com a missão de arrecadar fundos para elevar o nível da educação da comunidade, crianças e adultos; favorecer o desenvolvimento econômico e social da população, criando novas profissões e infra-estrutura sociais de base e garantir o respeito ao meio ambiente frágil, criando novas alternativas agrícolas e alimentares nas comunidades rurais de Itacaré.

Com contribuições financeiras vindas da França, a Associação iniciou suas ações, dentre elas: a construção de uma escola, uma biblioteca, uma cozinha e um refeitório, atendendo 90 crianças, 35 adultos e 5 professores.

Foram feitas algumas tentativas de contato (4 via e-mail e uma pessoalmente) com esta instituição, porém sem sucesso. Segundo relato de algumas pessoas do município de Itacaré, a ONG continua atuando.

ONG 11 - CARE

Fundação: 2002

Fonte de consulta: <http://www.care.org.br>

Área geográfica de atuação: Brasil e outros países.

Resultado de uma parceria com organizações da sociedade civil, integradas através de um Conselho Gestor, o programa desenvolvido pela CARE na região, tem por objetivo introduzir e testar mecanismos de geração de trabalho e renda, visando resgatar uma parcela da dívida social com alguns dos grupos mais excluídos da sociedade baiana: jovens afrodescendentes; indígenas e assentados de reforma agrária.

A CARE já realizou ações como:

“diagnóstico da região; articulação de parcerias; formação de um Conselho Gestor com participação de organizações da sociedade civil e poder público; seleção de comunidades piloto; ações emergenciais de segurança alimentar; visita às comunidades; iniciativas de produção de alimentos; projetos piloto de geração de renda; diagnóstico de empreendimentos econômicos existentes ou potenciais; articulação de assessoria técnica; estudos de mercado; ações de capacitação.”

Atualmente vem realizando ações de erradicação do analfabetismo; de consolidação das iniciativas piloto de geração de renda; de ampliação do leque de parcerias; de inserção nos fóruns deliberativos do território; de replicação das experiências bem-sucedidas em novas comunidades; e de ampliação do diálogo com agentes públicos.

ONG 12 - Centro de Desenvolvimento Agroambiental e Cidadania – CDAC

Fundação: 2000

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Região Cacaueira

As limitações do Instituto Cacau-Cabruca para atuar no campo social, motivaram os seus integrantes a criar o CDAC.

O Instituto Cacau-cabruca ele não tinha liberdade no campo social [...] aí era um projeto de disseminação desse conhecimento (referindo-se ao Instituto Agroambiental Cacau-Cabruca) da conservação produtiva e do respeito a Mata Atlântica, junto a criança, mas no meio rural. Certo, essa é a visão do meio rural, porque aí nas discussões nossas a gente resolveu fazer um contraponto, porque o menino de rua tinha tanto mimo, tanta preocupação e o menino da mata não tinha.

Como estratégia de ação, definiram a escola do meio rural como foco principal, surgindo o seguinte questionamento: “*O que a gente vai fazer? Tem que trabalhar o local, vamos para o meio rural, vamos treinar as professoras, vamos criar mecanismos para treinar as professoras, falar de cabruca, aí tem que ter dinheiro.*”

O grupo tentou produzir mecanismos para manter as ações do CDAC, visando também a melhoria social, econômica e educacional das comunidades rurais, porém a idéia não teve continuidade.

Na expressão a seguir pode-se perceber a situação atual do CDAC: “*Aí surgiu o CDAC, como elemento de aglutinação social, para apoiar o Instituto Cacau-Cabruca, isso tudo capitaneado pelos agricultores, [...] que daria essa nova visão, mas os percalços infelizmente” (não possibilitaram a continuidade da Instituição).*

ONG 13 - Centro Cultural Profissionalizante Tororomba – FAZENDARTE

Fundação: 1999

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: 24 comunidades de Olivença

A história do Fazendarte nos foi contada pelo entrevistado, que não foi um dos fundadores da ONG, mas por ser o atual representante da mesma, nos relatou o que motivou a criação dessa instituição. *“A ONG surgiu porque o coordenador tinha a intenção real, ele tinha uma cunhada que era de uma Instituição estrangeira, que traria recurso. Mas chegou um momento que o dinheiro parou de entrar o amor acabou [...] foi aí que eu entrei.”*

Ações como oficinas de música, de informática e projetos de apoio a adolescentes gestantes e não gestantes foram desenvolvidas, conseguindo até mesmo um projeto financiado pelo Governo do Estado.

“Depois de um tempo o dinheiro acabou a gente teve que aprender a andar [...] aí a gente foi mantendo a sede própria até onde deu [...] depois manteve apenas alguns trabalhos. A gente trabalha basicamente com voluntariado.”

A missão da ONG hoje é dar uma sobrevida para crianças e adolescentes, na orientação, na educação, educação ambiental e na profissionalização.

Atualmente possuem um grupo musical com alguns jovens, que recebe para se apresentar; participam do CONDEMA/IOS e realizam algumas palestras/orientações juntamente com a Secretaria Municipal de Saúde de Ilhéus. Todas estas atividades realizadas pelo seu presidente.

ONG 14 - Escola Agrícola Familiar Margarida Alves – EACMA

Fundação: 1997

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Grapiuna, Camamú, Jussarí, Itabuna, Ilhéus, Belmonte, Una, Buerarema, Venceslau Guimarães.

Ela nasceu por uma demanda que havia no meio das comunidades rurais que a gente trabalhava. No geral as famílias se organizavam e ocupavam a terra que era ociosa a brigavam pela terra dentro da terra. Como comissão pastoral da terra a gente trabalhava e acompanhava essas famílias, esses posseiros né. Um dos trabalhos era exatamente a educação né, com jovens e adolescentes e criação de pequenas escolas nas comunidades pra responder a demanda da comunidade.

A entrevistada relata que chega um momento que é preciso dar outro passo, porque os meninos que concluem a 4ª série, não tem uma alternativa,

[...] aí a gente começa a trabalhar a possibilidade de uma escola que possa receber esses meninos e meninas, já que eles moravam longe da cidade e não tinham acesso, ainda não existiam os ônibus do Fundef e mesmo com o ônibus muitos jovens não tem acesso à educação.

A instituição, constituída em forma de uma escola, foi pensada a partir dessa demanda, visando receber esses jovens. Tendo como missão construir a cultura da agricultura familiar, rompendo a mentalidade da monocultura, melhorando assim a qualidade de vida dessas pessoas.

Com o apoio do movimento de mulheres e jovens rurais, assessorado pela CPT da Diocese de Itabuna e com o apoio de outras pessoas, “principalmente da 1ª

equipe, que no primeiro ano trabalhou como voluntário e mais 5 anos como semi-voluntário”, surge a Escola Agrícola Margarida Alves.

Serviços de assistência técnica são prestados a 9 comunidades rurais, assim como fornecem materiais a preços simbólicos para que esses agricultores iniciem suas atividades. *“Esse trabalho não é sempre bem aceito pela comunidade [...], por exemplo, numa comunidade de 25 famílias nós temos 8 que estão começando a beber a idéia.”* A instituição possui ainda 3 programas de ensino fundamental que são desenvolvidos na sede da instituição e um programa de bolsas, que em 1997 beneficiava 42 alunos e hoje contempla 120.

ONG 15 - Fundação Pau Brasil – FUNPAB

Fundação: 1990

Fonte de consulta: Entrevistas

Área geográfica de atuação: Região Sul da Bahia

Pesquisadores da CEPLAC e professores da UESC, visando *“centralizar, estimular e captar recursos para projetos na área de meio ambiente, incluindo cacau”*, conservar áreas de Mata Atlântica na Região Sul da Bahia e o uso sustentável desses recursos, contribuir para a perenização do patrimônio cultural, manter a biodiversidade nos ecossistemas e a conseqüente garantia dos processos naturais, o equilíbrio ambiental e o bem-estar social, reuniram-se no ano de 1990 e fundaram a FUNPAB.

No período de 1990 até 1998, segundo um dos entrevistados: *“estava quase parada, em termos de atividade, não foi grande coisa [...] as próprias entradas financeiras foram quase nada.”*

Fatores como: incompatibilidades ideológicas entre alguns membros da Fundação e o fato de um de seus fundadores, entender que *“a CEPLAC deveria ter uma instituição, uma fundação associada que permitisse maior flexibilidade de captação e uso de recursos captados”*, levaram a reestruturação da instituição (oficializada em 1999) e afastamento de alguns sócios.

Seu estatuto foi modificado e foram acrescentados alguns artigos que confirmam as informações fornecidas por um dos entrevistados:

A fundação foi criada [...] para ser um suporte do Centro de Pesquisas do Cacau, para a CEPLAC. Paulo Alvim teve essa idéia [...]. Paulo Alvim é o fundador do CEPEC e ele pensou que tendo uma fundação assim, podia recolher dinheiro e iria ter dinheiro canalizado para o centro, para desenvolver pesquisa na área ambiental, no cacau, no agrossistema cacau.

Missão que não é entendida da mesma forma por todos os membros da diretoria.

A instituição participa do CONDEMA de Ilhéus, do Comitê de Bacias do Leste, do Subcomitê da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, do Conselho do Parque Municipal Boa Esperança e gerencia principalmente projetos sobre sistemas agroflorestais, outros relacionados a Vassoura-de-Bruxa (*Crinipellis perniciosa*) e produtividade do cacau, assim como um grande projeto de preservação do Pau Brasil (*Caesalpinia echinata*).

ONG 16 - Grupo Ambiental Fotossíntese – FOTOSSÍNTESE

Fundação: 1999

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Bairro do Pontal/Nova Brasília

Um grupo de amigos, residentes no Bairro do Pontal de Ilhéus, em mais um de seus encontros na praia do sul, sem maiores pretensões, observou a grande quantidade de lixo naquele local, além de uma grande quantidade de ratos. Foi a partir desse olhar crítico que surgiu a idéia de criar uma ONG.

Segundo a entrevistada, com uma ONG Ambientalista seria possível cuidar do meio ambiente urbano. Enquanto a organização estava em atividade, eles realizaram: um mutirão de limpeza do Morro de Pernambuco, vários protestos e passeatas.

Nós colocamos várias placas dizendo: jogue o lixo no lixo e colocamos balde de lixo. Só que o trabalho infelizmente não deu pra ir em frente porque não conseguimos captar recursos, não conseguimos outro tipo de patrocínio, que poderíamos ter patrocinadores e outros voluntários mas infelizmente não aconteceu.

Com o andamento das atividades, além da dificuldade de conseguirem apoio financeiro, as divergências ideológicas dentro do grupo, levaram-no ao desmembramento e atual inatividade. Situação que não deve ser considerada como definitiva, pois, segundo a entrevistada, eles estão tentando reativar as ações, *“contanto que não tenhamos que tirar do nosso bolso, contanto que isso é obrigação dos órgãos públicos.”*

ONG 17 - Grupo de Apoio as Comunidades e ao Meio Ambiente – GACMA

Fundação: 2002

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Ilhéus

Essa ONG começou dentro da Universidade que eu estudava, aí tinha um grupo de estudantes de várias áreas [...] mas geralmente as áreas envolvidas com meio ambiente geral, mas tinha algumas pessoas de veterinária, algumas pessoas já formadas em psicologia [...] todo mundo se conhecia tinha um grau de amizade e começaram a se reunir para fazer algumas práticas de Educação Ambiental.

“Aí ficaram se reunindo [...] dentro dessas reuniões começaram a ver também a questão de pessoas já se formando [...] focalizando o lado profissional de ganhar um dinheiro fazendo o que gosta.”

Outras pessoas que tinham interesse em trabalhar pelas causas ambientais, foram sendo agregadas ao grupo, mesmo aqueles que não eram da Universidade, resultando desses encontros a criação do GACMA, cujo objetivo era promover a Educação Ambiental para as comunidades de Ilhéus e buscar financiamento para projetos, científicos e comunitários.

A instituição desenvolveu algumas atividades como: um campeonato de surf, um mutirão de limpeza da Backdoor, um mutirão na praia do norte, um curso de horta orgânica no assentamento do São José, um seminário de agroecologia e atividades isoladas de Educação Ambiental.

A ONG atualmente não possui ações, apenas participa de algumas reuniões da APEDEMA de Ilhéus.

ONG 18 - Grupo de Resistência às Agressões ao Meio Ambiente – GRAMA

Fundação: 1987

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Sul da Bahia.

A Mata Atlântica já vinha sendo devastada e as pessoas ficaram preocupadas, eu tenho que fazer alguma coisa. Você sabe que uma das ONG mais antigas do Brasil é a AGAPAN do Rio Grande do Sul, essa entidade surgiu logo após os movimentos dos anos 60 dos partidos verdes na Alemanha. A Europa foi quem deu o pontapé para os movimentos ambientalistas no mundo, [...] e no Rio Grande do Sul a AGAPAN pegou esse gancho e fundaram nos anos 70 no Rio Grande do Sul. Então isso foi uma influência. Após o encontro de Estocolmo em 72, aí a gente já começou a ter maiores informações, porque as questões ambientais, as pessoas não absorviam muito isso. O “boom” mesmo veio depois a ECO 92, a RIO 92.

Um grupo de pessoas, motivados por essas grandes conferências e acontecimentos, aliadas à observação da degradação da Mata Atlântica e dos manguezais e de outros problemas ambientais como a pulverização com organofosforados na cidade e o início da especulação imobiliária na Lagoa Encantada em Ilhéus, resolveu criar o GRAMA, com o objetivo de proteger o meio ambiente, o consumidor, o patrimônio artístico, estético, turístico e paisagístico.

O grupo que criou a instituição, dispersou-se no início da década de 90, o que possibilitou o ingresso de novos integrantes e a continuidade das ações do GRAMA.

Pequenas ações, a gente não tem também como fazer grandes ações porque a gente não tem recurso para fazer grandes ações. Eu acho o seguinte, nosso ponto de partida é a Educação Ambiental, a gente entende que a Educação Ambiental é instrumento de transformação. [...] Nós somos uma ONG pequena, mas uma ONG pequena que nunca fechou suas portas.

O GRAMA, ao longo de sua vida institucional, realizou diversas atividades como: diagnóstico das agressões ambientais no rio Cachoeira (de Ilhéus a Itapé), estabelecimento de áreas piloto de recomposição das matas ciliar, implantação de duas fábricas, de polpa de frutas e de leite. Construção de viveiro de mudas em Uruçuca. Plantio de essências frutíferas da Mata Atlântica com escolares na margem do rio Almada, com cuidado e manejo das árvores pelos estudantes entre outras.

O GRAMA participa atualmente do Conselho Estadual do Meio Ambiente e do Conselho Nacional do Meio Ambiente, realiza peças teatrais de cunho educativo, projeto de coleta de sementes, projeto de apicultura que está parado por falta de financiamento, realizam palestras, caminhadas, cursos de medicina natural, mas sua atuação principal tem sido de Educação Ambiental. Publica um jornal informativo. Participa do Programa Pau Brasil no setor de Educação Ambiental. Por seu perfil, o GRAMA funciona também como agente receptor de denúncias de agressões ambientais, sendo essas informações processadas com dados precisos e encaminhadas aos órgãos responsáveis como IBAMA e CRA.

ONG 19 - Instituto Agroambiental Cacau-Cabruca – ICC

Fundação: 1998

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Região Cacaueira

O Instituto nasceu da vontade de um grupo de pessoas, pesquisadores, agrônomos, economistas, preocupados com a crise do cacau e os problemas da cacaucultura, então, aquele patrimônio ambiental que tinha sido preservado as custas da cacaucultura estava sendo dilapidado e você não tinha um reconhecimento regional do valor da cabruca para o meio ambiente da região cacaueira.

Percebendo esses problemas, nasceu o Instituto Agroambiental Cacau-Cabruca, visando chamar a atenção para o sistema agroflorestal cacau-cabruca. Inicialmente seus integrantes começaram a falar da cabruca no meio universitário, nas escolas, bem como agregar outras instituições a causa, discutindo o sistema com o governo, visando a consolidação desse método,

[...] método tecnicamente reconhecido e que faz parte da cultura regional e levá-lo a reconhecimento internacional. [...] Talvez esse seja o único modelo testado a sua eficiência tanto econômica, ambiental e social por mais de 250 anos de exploração agrícola. Então você tinha um modelo forte que precisava discipliná-lo, para que a gente conseguisse dar aos cacaucultores maior possibilidade de auferir recursos para novos investimentos.

Seu representante acredita que o Instituto cumpriu com sua missão, criando elementos para discussão sobre a cabruca.

As ações da ONG foram basicamente de discussão e atividades de educação ambiental, sempre com a premissa de que: “Cabruca é uma expressão

cultural da região cacaeira.”

Não pôde-se perceber nenhuma atividade recente desta instituição atualmente.

ONG 20 - Instituto Ambiental Boto Negro

Fundação: 1991.

Fonte de consulta: Entrevista e Maternatura/Ecolista (1996)

Área geográfica de atuação: Itacaré

O Instituto Ambiental Boto Negro, iniciou sua trajetória de luta ambientalista com um grupo de voluntários no ano de 1987 como Movimento de Resistência Ecológica Boto Negro e tem seu nome em homenagem a centenas de baleias de espécie conhecida, muito parecidas com botos, que morreram na Praia do Piracanga neste município no mesmo ano. Em 01/06/1991 o Movimento de Resistência Ecológica Boto Negro se institucionalizou passando a existir como uma entidade ambientalista com o registro dos atos constitutivos no cartório competente.

A ONG foi criada com o objetivo de preservar a Mata Atlântica, os manguezais, o patrimônio histórico, turístico e paisagístico, a fauna, a flora e a vida marinha do local. Também estavam preocupados com o saneamento básico e a área de saúde da cidade, assim como a educação no meio rural

Segundo o entrevistado, a ONG, depois de criada, realizou “diversos trabalhos de conscientização da comunidade [...], lançamentos de livros, palestras, plantio de árvores, caminhadas, publicação de Boletim Informativo, panfletos, etc.”

Em dezembro de 1997, o estatuto na ONG foi reformulado, passando a chamar-se Instituto Ambiental Boto Negro.

No período compreendido entre 1998 e 2003, o Boto Negro atuou com representação no Conselho Estadual de Proteção do Meio Ambiente – CEPRAM, na Assembléia Permanente de Entidades de Defesa do Meio Ambiente da Bahia, no Conselho Gestor da APA Itacaré/Serra Grande, no Conselho de Turismo do Pólo do Litoral Sul no âmbito do PRODETUR e no Conselho Gestor do Parque Estadual da Serra do Condurú – PESC.

Coordenou ações de Educação Ambiental (*Projeto Teatro Ambiental na APA*), além de encaminhar denúncias ao Ministério Público dos impactos ao meio ambiente e ao ecoturismo em Itacaré, entre outras atividades.

Deram início a um Programa de Preservação e Multiplicação das Abelhas Nativas Sem Ferrão da APA Itacaré/Serra Grande,

treinando 15 pessoas entre agricultores familiares, educadores e guias turísticos para que atuem como agentes multiplicadores e preservadores destas abelhas tão importantes para a propagação das espécies vegetais nativas da mata atlântica, e que infelizmente estão ameaçadas de extinção pela ação predatória dos meleiros e furadores, queimadas e desmatamentos.

Seus membros participam de maneira efetiva do Conselho Editorial do Jornal da APA, assumindo sua coordenação, tendo o IESB como parceiro. Integra o Comitê Executivo do Conselho Gestor da APA de Itacaré/Serra Grande em substituição ao Instituto Tijuípe. Continua a realizar ações de sensibilização da comunidade.

ONG 21 - Instituto de Ecoturismo da Costa do Cacau – IECC

Fundação: 2003

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Costa do Cacau

Surgiu a possibilidade de apoio financeiro do Governo Federal para os Pólos de Ecoturismo do Brasil, só que para que isso acontecesse, *“eles precisavam de uma ONG institucional que orientasse todos os projetos antes de chegar ao próprio governo, para que não chegasse qualquer coisa, de qualquer lugar.”*

Diversas reuniões foram realizadas com outras instituições presentes, *“porque não era uma ONG de representação física (referindo-se ao IECC), era uma ONG de representação jurídica.*

Desses encontros surgiu o IECC, cujo objetivo era defender, preservar e conservar o meio ambiente promovendo o desenvolvimento sustentável, a partir de atividades ecoturísticas, assim como fortalecer e gerenciar as ações do Comitê Gestor do Pólo de Ecoturismo da Costa do Cacau.

Com a formalização da instituição, alguns projetos foram elaborados e submetidos a agentes financiados, porém sem sucesso.

A situação atual do IECC é expressa pelas palavras da entrevistada, transcritas a seguir:

Infelizmente a Embratur mudou o objetivo dela, passou a ser só a divulgadora do Brasil no exterior, os Pólos de Ecoturismo não deslançaram e o Instituto ficou. As instituições que faziam parte que tinham cadeira perderam o interesse [...]. Nós temos quase dois anos que a gente não organiza reunião, não organiza nada.

ONG 22 - Instituto de Pesquisa e Educação sobre Recursos Hidrogeológicos –

HIDROGEO

Fundação: 2002

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Ilhéus e região.

Um grupo de 10 pessoas que já fazia trabalhos de consultoria na área ambiental, dentre eles, professores/pesquisadores da UESC e da CEPLAC, teve a idéia de fundar o HIDROGEO, visando fazer trabalhos de consultoria ambiental, na área de hidrologia, mapeamento, planos diretores, consultorias até então já feitas por eles.

Os problemas iniciaram desde a formalização da ONG, ficando centralizada em apenas uma pessoa, que por problemas pessoais acabou abandonando sua função, deixando a atividade parada, função assumida pelo entrevistado, que diz: *“mas sabe aquela coisa que faltou uma pessoa para tocar o projeto pra frente, uma pessoa pra organizar a coisa.”*

“Eu terminei me envolvendo muito com a universidade, as pessoas que estavam em torno também não fizeram nada, todo mundo esperava que tudo acontecesse e viesse pra eles.”

Eu fiz dois trabalhos via HIDROGEO, um trabalho de drenagem e outro trabalho de gerenciamento de esgoto, eu fiz, com mais duas pessoas [...]. Ela existe atualmente, a gente declara no imposto de renda, [...] agora precisa uma pessoa tipo, ongueira, pra correr atrás, fazer essa relação da HIDROGEO com outras ONG que conseguem projetos nessa área.

Em 2005, seus sócios voltaram a se encontrar, discutindo sobre o futuro da HIDROGEO, como por exemplo, a entrada de novos sócios. A ONG não possui nenhuma atividade atualmente.

ONG 23 - Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia – IESB

Fundação: 1994

Fonte de consulta: Entrevista e www.iesb.org.br

Área geográfica de atuação: Bahia: Ilhéus, Una, Arataca, Camacã, Itacaré e Uruçuca. Espírito Santo, Minas Gerais, Sergipe e outros estados do Brasil.

A existência de um Curso de Especialização em Gestão Ambiental na UESC, possibilitou a aproximação de algumas pessoas (ambientalistas, estudantes e pesquisadores) para discutirem sobre a questão ambiental no Sul da Bahia. Ao longo das discussões e debates, surge a idéia de criar uma organização que trabalhasse com conservação da biodiversidade e com pesquisa. Podendo assim institucionalizar algumas ações e projetos já existentes.

Com uma missão bastante específica e definida, diversas reuniões aconteceram

[...] a discussão começou em outubro de 93 [...]. Mas a gente expediu uma carta convidando todas as pessoas que tivessem interesse em discutir a questão ambiental, especialmente com foco em conservação da biodiversidade. E pouquíssimas pessoas aparecerem, na realidade é assim, muitas pessoas aparecem no início, aí a segunda reunião vai diminuindo, a terceira vai diminuindo. No final foram mais ou menos um grupo de 15 pessoas

que estavam no momento de criação mesmo.

O IESB foi assim criado em 1994, por ter surgido “dentro da universidade”, seu foco está muito relacionado com pesquisa, com vistas a conservação da Mata Atlântica e sua biodiversidade. Isto devendo-se, também ao perfil de seus idealizadores, sendo eles pesquisadores experientes, tanto da UESC quanto da CEPLAC.

A gente tinha aquela idéia de trabalhar com pesquisa mesmo. Mas no decorrer da vida da instituição ela começou a fazer trabalhos de ação, trabalho de desenvolvimento comunitário, trabalho de alternativas econômicas, porque o xis da questão mesmo é esse. Que alternativas econômicas você tem que possa trazer renda, trazer melhoria de qualidade de vida e possam conservar. Então esse é o grande desafio. A instituição não pôde se furtar a fazer esse tipo de trabalho com desenvolvimento comunitário e alternativas econômicas. Mas a gente continua fazendo pesquisa também.

O IESB desenvolve atualmente em torno de 35 projetos com mais de 30 financiadores, com atividades de campo em Ilhéus, Una, Arataca, Camacã, Itacaré e Uruçuca. Possui um projeto de mapeamento de todo o bioma Mata Atlântica, abrangendo todo o país. Apóia também 17 ONG no Espírito Santo, além de estarem realizando um plano de manejo para o macaco-prego-do-peito-amarelo em toda a área de ocorrência da espécie, abrangendo os estados da Bahia, Sergipe e Minas Gerais. Participa ainda do CONDEMA de Ilhéus e de Una, da APEDEMA da Bahia e de Ilhéus, do Subcomitê da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica entre outras ações.

ONG 24 - Instituto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sócio-Cultural do Sul da Bahia – ECOTUBA

Fundação: 1996

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Una, Canavieiras e Caravelas

Em 1995 eu tinha acabado de me formar na UFRJ, aí vim trabalhar em uma empresa que estava prestando serviço de ecoturismo ao Hotel Transamérica como biólogo. [...] Fazia passeios de jipe pela Ilha de Comandatuba, e durante esses passeios eu comecei a ver a ocorrência de desovas de tartarugas marinhas, ao mesmo tempo encontrava muitos ninhos roubados, violados, aí comecei fazer um trabalho informal com os moradores da ilha, a conscientizar, ganhar a simpatia, me integrando com eles, aí fui registrando os ninhos de tartaruga.

Inicialmente o trabalho era realizado informalmente e a idéia de formalizar essas ações através da criação de uma ONG, surgiu com a sugestão de um turista que, realizando o passeio feito pelo entrevistado, conheceu seu trabalho e disse: “cara, você tem que juntar essa galera e fazer uma ONG, vocês estão fazendo o maior trabalho bacana, formalizando vocês conseguem ter mais acesso a recursos”.

Uma assembléia foi realizada para que a idéia fosse colocada para a comunidade e assim foi criado o ECOTUBA, que originalmente era uma associação de caráter comunitária.

“Eu comecei a pesquisar com o pessoal do Projeto Tamar, pegar algumas informações de como trabalhar com tartarugas, passando isso para a comunidade, o trabalho começou assim. Aos poucos foram entrando mais pessoas.”

Com a entrada de novos sócios, com perfil mais técnico, a missão não

mudou, porém

[...] o que mudou muito foi esta questão do corpo técnico. No começo era mais uma associação de cunho comunitário, praticamente uma associação de moradores com um biólogo inserido. Então os trabalhos eram diferentes, você não sentava para discutir a parte técnica de um trabalho, era mais, o que a comunidade está precisando e como a gente vai fazer para resolver o problema da comunidade? Com o aumento do número de técnicos, as reuniões começaram a ter um cunho mais técnico. Hoje em dia o ECOTUBA é uma instituição muito mais ligada a parte de pesquisa mesmo do que a questão social. Então ele (o ECOTUBA) começou mais com a parte de ação social mesmo e descambou para a pesquisa.

O que levou a mudança de perfil, segundo o entrevistado, foi justamente a vocação das novas pessoas que agregaram-se ao instituto, *“acho que isso levou a gente, poxa, vamos trabalhar, somos biólogos, é muito importante a inserção da comunidade, mas não é a nossa vocação, vocação do corpo técnico mesmo.”*

Com esse novo enfoque, a missão, que segundo o entrevistado, não mudou, *“é pesquisa conservação, visão sustentável, ligado ao ambiente litorâneo, [...] nossa lama é o ambiente litorâneo.”*

Atualmente o ECOTUBA desenvolve as seguintes ações: projeto de monitoramento de ninhos de tartarugas e das próprias tartarugas, projeto de artesanato em parceria com os moradores do local e o Hotel Transamérica, além de pesquisas básicas com manguezais.

ONG 25 - Instituto Dríades de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade –

DRÍADES

Fundação: 1999

Fonte de consulta: Entrevistas, www.restauna.org.br e www.institutodriades.org.br

Área geográfica de atuação: Sul da Bahia

O Projeto Remanescentes de Floresta da Região de Una (Projeto Resta Una), foi criado em 1998, por um grupo de professores/pesquisadores da UESC, por alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Campinas (Unicamp).

Este projeto tinha como principal objetivo, diagnosticar como o processo de desmatamento e de substituição da cobertura vegetal nativa vinha afetando a diversidade da fauna e da flora na região de Una.

Segundo um dos entrevistados:

Esse grupo de pesquisadores, acreditando que a geração de conhecimento biológico é uma das formas de promover a conservação dos recursos naturais percebeu a necessidade de ter uma instituição para possibilitar outras ações [...]. Então grande parte dos sócios fundadores (referindo-se a Dríades) eram fundadores desse projeto Resta Una.

Essa percepção deu-se, conforme relato de um dos entrevistados, principalmente pela dificuldade e burocracia que uma instituição pública tinha (e ainda a tem) em conseguir e gerenciar recursos financeiros desses projetos. “Aí você acaba perdendo recurso.”

A partir dessas experiências e percepções, resolveram organizar e fundar o Instituto Dríades, cuja missão é o levantamento de dados biológicos e apoio a políticas públicas, com enfoque especial na região de abrangência do Bioma Mata Atlântica, principalmente em áreas de remanescente florestais no sul e sudeste do Bahia.

A instituição desenvolveu ações como: curso de capacitação de guardas-parque, diagnóstico ambiental de uma área na bacia do Rio Cachoeira, estudo da ecologia do maior primata das Américas, o miqui (Brachyteles arachnoides), na reserva de Caratinga, na Mata Atlântica de Minas Gerais, estudo da biodiversidade das áreas de florestas remanescentes da região do Planalto de Vitória da Conquista, estudo da auto-ecologia de uma espécie de formiga endêmica do sul da Bahia, realização de um inventário sistematizado da fauna e flora em quatro remanescentes florestais da região de Boa Nova, no sudoeste da Bahia, entre outras ações.

Atualmente a Dríades desenvolve diversas pesquisas na linha de pesquisa descrita acima, que além da geração de banco de dados biológicos, serve para subsidiar ações de políticas públicas.

ONG 26 - Instituto Floresta Viva – FLORESTA VIVA

Fundação: 2003

Fonte de consulta: www.florestaviva.org.br

Área geográfica de atuação: Região Sul da Bahia

“O Instituto Floresta Viva teve sua origem a partir da experiência sócio-ambiental inovadora, que durante 2 anos, através do Programa Floresta Viva trabalhou aliando proteção dos

remanescentes florestais da Mata Atlântica, com a inclusão social dos agricultores familiares que habitam a Área de Proteção Ambiental Itacaré/Serra Grande, no Estado da Bahia – uma região com a maior diversidade biológica do planeta e com um dos piores indicadores sócio-econômicos do país.”

Possui como missão a promoção do desenvolvimento do ser humano, aliada à conservação dos recursos naturais, principalmente na área do entorno da Serra do Condurú.

Em função da dificuldade em conseguir entrevistar o representante do Floresta Viva e por seu site não possuir as ações atuais, apenas pode-se afirmar que é uma instituição atuante.

ONG 27 - Instituto Ilheense de Biologia – INIBIO

Fundação: 2004

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Ilhéus

Alguns alunos de uma escola pública de Ilhéus, foram estimulados por uma professora a participar de um concurso de extração de tinturas naturais de árvores.

No decorrer dessa atividade, uma parte dos alunos começou a coletar insetos, o que gerou a idéia de revitalizarem o laboratório de biologia do Centro Integrado de Educação Rômulo Galvão (CIERG). Esse laboratório ficou sob a responsabilidade desses alunos.

“No início nosso objetivo era meio perdido, era ir pro mato pegar bicho e mostrar. Aí nessa época a gente criou o Grupo de Pesquisas Biológicas.”

O grupo foi formado inicialmente por 4 pessoas, chegando a ter 100 sócios, sendo eles, em sua maioria, alunos do CIERG.

Com o tempo a gente foi percebendo que o pessoal tava vendo mais como era a área de atuação de um biólogo, que vai pro mato, coleta. Aí a gente percebendo que o que a gente tava fazendo não era só pegar bicho e montar laboratório. A gente viu que podia fazer exposições e mostrar esse trabalho, mostrar a biodiversidade local que muita gente da comunidade não conhece. Sempre com aquela premissa de que você só preserva o que conhece né.

O principal objetivo do instituto é “mostrar a biodiversidade local, o que se encontra na região. Você conhecendo que se tem, pode ter medidas para minimizar impactos e tal, [...] tem diversos no estatuto (referindo-se aos objetivos), mas a gente não atua em todos eles.”

Outra atividade realizada é levar informações aos alunos de ensino médio, sobre a área de atuação do biólogo,

[...] pois quando o aluno faz o vestibular se decepciona pois não conhece a área de atuação. [...] acham que não tem mercado de trabalho. E isso não é uma realidade. Acham que a única área que tem trabalho é medicina e administração, então isso não é verdade, mostrando que tem campo de trabalho, só depende da pessoas ser qualificada.

Algumas dificuldades foram surgindo na hora em que o grupo buscava apoio financeiro para as suas atividades, “as empresas ficavam meio assim em doar alguma coisa, porque, está doando para quem? Aí surgiu a necessidade de formar uma pessoa jurídica.”

O instituto tem atualmente seu laboratório instalado em uma escola

particular do município de Ilhéus e continua realizando as atividades acima descritas.

ONG 28 - Instituto Socioambiental Comunidade em Ação – ISCA

Fundação: 2003

Fonte de consulta: o autor

Área geográfica de atuação: Ilhéus

Durante 4 anos trabalhei em uma instituição governamental, gerenciando e criando projetos de Educação Ambiental. Porém, muitas atividades relevantes não eram desenvolvidas, ou por limitações financeiras, ou por desinteresse político. Conheci muitas pessoas, muitos profissionais responsáveis e compromissados realmente com as questões socioambientais e em um dos muitos contatos que fiz, me fizeram pensar em criar uma instituição que não possuísse dependência com o governo. Contatei alguns ex-alunos, alguns profissionais que já haviam expressado interesse em trabalhar pela causa ambiental. Nos reunimos, estudamos as formas de criar uma ONG e a criamos. Algumas ações como palestras e cursos foram realizados. Desenvolvemos algumas ações pontuais em algumas comunidades, porém, todos tínhamos outra ocupação e trabalhávamos de forma voluntária no ISCA. Chegou um momento em que não tínhamos mais tempo para realizar os trabalhos propostos pela ONG.

A ONG, apesar de existir legalmente e possuir reconhecimento de utilidade pública municipal, não tem atividade nenhuma atualmente.

ONG 29 - Instituto Tijúipe

Fundação: 2003

Fonte de consulta: Entrevistas

Área geográfica de atuação: Itacaré

O Conselho Gestor da APA foi criado em maio de 2000, foi o primeiro Conselho Gestor de APA aqui do estado da Bahia, [...] foi criado a partir do programa de Educação Ambiental e Ecoturismo que o IESB desenvolveu, que foi uma atividade desenvolvida com recurso do PRODETUR, [...] que tinha o objetivo de disciplinar o uso do solo e fortalecer a atividade turística [...] esse programa foi desenvolvido de 98 a 2000.

Como os recursos desse programa já estavam para acabar, as pessoas nele envolvidas, perceberam que havia a necessidade de se fazer alguma coisa para que as atividades não cessassem.

Porque você criar uma Unidade de Conservação numa área como Itacaré, abrangendo uma área como Itacaré, com fortes pressões para ocupação, uma região extremamente acidentada, difícil de ser ocupada, sem instrumento de planejamento, enfim, tinha toda uma dificuldade para você chegar e impor que aquela comunidade respeitasse determinadas restrições. Na verdade o que a que a APA trazia? Uma serie de restrições ao desenvolvimento daquelas atividades naquela área. Então a gente sentia a necessidade de dar continuidade a algum programa que ficasse comunicando pra comunidade, passasse informações sobre educação ambiental, enfim ,sobre a APA em si, o zoneamento. [...].

Tomando por base essas observações e a resolução do SEPREM (que recomendava a criação de um conselho), em parceria com o IESB o grupo criou o

Conselho Gestor da APA, formado por representantes de todas as instâncias governamentais, não-governamentais e associações de classe. Segundo a entrevistada, mesmo sendo um conselho atuante, não haviam muitos resultados para mostrar para a comunidade.

A gente não conseguia fazer muito com que aquela coisa acontecesse, o Conselho em si não era uma pessoa jurídica, existiam pessoas com capacidade técnica por exemplo [...] que eram voluntárias [...] pessoas com potencial técnico que poderia desenvolver projetos para captar recursos, porque a gente ia precisar de recurso. E o estado não dava esse suporte, pra ações do Conselho. Então, surgiu a idéia da gente estar desenvolvendo projetos, mas a gente ficava contando com o apoio do IESB por exemplo, que já era uma instituição acreditada e que conseguia as vezes captar recursos. Mas a gente precisava de uma coisa mais direcionada para o próprio Conselho, aí que veio a idéia de se criar o Instituto Tijuípe.

Com representação jurídica, começaram a buscar recursos para o desenvolvimento de suas ações. Implantaram algumas ações de Educação Ambiental. Conseguiram um recurso maior do Ministério do Meio Ambiente, através de um projeto escrito em parceria com o IESB, e a SEMARH. Desenvolveram várias ações: seminários, capacitação dos membros dos conselhos, um jornal da APA, integração com outras Unidades de Conservação e diversas oficinas. “O Tijuípe teve seu momento áureo nesse período.”

A declaração feita pela entrevistada, transcrita a seguir, expressa a situação atual da ONG: “[...] acabou o recurso do projeto, o instituto ficou difícil de se manter enquanto uma instituição técnica. [...] no final de 2005, decidiu por dissolver o instituto.”

ONG 30 - Instituto Uiraçu

Fundação: 2001

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Ilhéus e Camacã.

V. e C. criaram uma RPPN em Camacan. Um grupo de amigos e familiares apoiaram a criação da ONG afim de dar suporte à Reserva, inclusão comunitária no projeto, desenvolvimento de pesquisa científica e educação ambiental, e possibilitar parcerias interinstitucionais que dessem suporte ao projeto como um todo. O grupo de amigos vem gradualmente somando pessoas à instituição e se profissionalizando.

A ONG tem como objetivos: *"proteger, preservar, conservar e recuperar ecossistemas da Mata Atlântica, segundo uma ética universal ecocêntrica"*

Atualmente a instituição realiza pesquisa científica, ações de Educação Ambiental e possui de 4 RPPN sob sua administração.

ONG 31 - Instituto Universidade Livre Ambiental de UNA

Fundação: 2000

Fonte de consulta: MATOS (2003)

Área geográfica de atuação: Una

Um grupo de educadores, percebendo as dificuldades de desenvolvimento de atividades em Educação Ambiental, em função da falta de capacitação,

principalmente da zona rural, resolveu criar o Instituto, juntamente com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Una e o grande incentivo do IESB.

O Instituto foi criado visando o desenvolvimento da Educação Ambiental para o fortalecimento das comunidades rurais, objetivando a qualidade de vida destas e conservação dos seus recursos naturais.

Atividades como: incentivo a criação de Associações dentro das comunidades, capacitação de comunidades rurais, articulação com o poder público para melhoria de estradas entre outras.

Foram feitas algumas tentativas de contato com esta ONG (4 por telefone), sem sucesso. Em entrevista com dois representantes de outras instituições que atuam na região de UNA, perguntamos sobre o Instituto e os mesmos declararam não saber da existência da mesma.

ONG 32 - O Instituto Ambiental – OIA

Fundação: 2004

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Petrópolis (RJ), Ilhéus e região.

A história dela é um pouquinho particular, em 1987, a um pedido de um município na Baixada Fluminense, foi criada uma estação piloto de tratamento de esgoto, esta estação foi criada com recursos da Comunidade Européia, e então duas instituições de fora vieram e implantaram esta estação. Foi uma instituição Alemã, [...] e uma Universidade da China [...]. Funcionou, demorou uns 3 anos pra tudo ficar pronto e na hora que ficou pronto, as duas instituições [...] tinham que passar a tecnologia para uma ONG brasileira. Lá na baixada fluminense quem estava mais presente era uma instituição

de Petrópolis [...] o SEOP (Serviço de Educação e Organização Popular). O SEOP era uma instituição que tinha uma irmã chamada Centro de defesa dos direitos humanos [...], cujo patrocinador, membros fundadores foram os irmãos Boff, Leonardo Boff e Valdemar Boff [...]. O SEOP foi a maior ONG que jamais existiu no Brasil, 1200 funcionários só na baixada.

O SEOP ficou responsável por gerir esta estação durante alguns anos, mas por ser uma vertente bastante diferenciada do seu perfil, ficou responsável por esta estação por pouco tempo, e por várias razões, em 1993 “*criou uma ONG dentro dela, uma ONG chamada O Instituto Ambiental*”, com a finalidade de desenvolver no Brasil, técnicas alternativas e biológicas de tratamento de esgotos residenciais com reciclagem de nutrientes de biomassa.

O OIA é uma pequena Instituição, no máximo 15 pessoas espalhadas pelo Brasil, de fato a sede da instituição está vazia e de propósito esta instituição quer ficar assim, leve, para não se tornar uma instituição clássica do terceiro setor, aonde que muitas vezes existe muita sinergia, muita perda de tempo, com problemas de custos e problemas internos, onde em sua grande maioria o público alvo delas, são elas, não o tempo todo mas é assim.

Segundo o entrevistado, a ONG tem uma tecnologia e uma filosofia: “*a tecnologia é saneamento básico e tratamento de esgoto principalmente e a filosofia é educação popular no sentido de que, esta tecnologia nessa ONG, só se ela poder ser passada para quem precisa, população carente.*”

Com base nessa filosofia, resolveram criar uma unidade no Nordeste (Ilhéus – Bahia).

As ações do OIA ainda estão bem concentradas em contatos visando a divulgação da proposta. Uma estação piloto foi desenvolvida na Escola Agrícola

Margarida Alves. “Agora que estão iniciando os pedidos de implantação, não exatamente onde a gente queria que era em comunidades pobres.”

ONG 33 - Organização Pró-Defesa e Estudos dos Manguezais da Bahia –

ORDEM

Fundação: 1999

Fonte de consulta: Entrevista

Área geográfica de atuação: Ilhéus, Itabuna e Camamú.

Técnicos da CEPLAC que eram militantes ambientais, mais especificamente no ecossistema manguezal, participaram de alguns fóruns e encontros sobre esse assunto.

Como produto dessas participações, algumas ações começaram a ser desenvolvidas, como a confecção de folhetos chamando a atenção para o manguezal. Posteriormente eles realizaram um Simpósio em nível regional com o objetivo de discutirem questões dos manguezais.

Aí com esse movimento todo, surgiu a necessidade de criar uma estrutura com uma forma legal, onde pudesse fazer encaminhamento de projeto, onde pudesse ter uma representatividade, para poder participar das atividades não só a nível de região mas a nível de Brasil também. Aí juntou-se esses técnicos que já vinham militando e outros também (CRA, IBAMA, Professores da UESC).

Com o objetivo de preservar os ecossistemas costeiros e marinhos, melhorar a qualidade de vida das populações ali inseridas, com ações sempre voltadas para

os aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos, alguns projetos foram desenvolvidos, sendo um deles em parceria com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), o que possibilitou a aquisição de equipamentos para análise de água, geoprocessamento e material como computadores, com o objetivo de montar um sistema de informações.

Foram desenvolvidos trabalhos na região de Ilhéus, como a produção de sementes de ostras e ações de educação ambiental com palestras, cursos, folhetos, folders, cartazes, organização de encontros.

A situação atual da ORDEM é expressa claramente nas palavras do entrevistado:

A realidade é o seguinte, a ORDEM é uma instituição basicamente formada por técnicos funcionários públicos, eles não são remunerados para trabalhar na ONG. Numa época nós tínhamos mais tempo para isso, mas nós dedicamos muito tempo ao órgãos públicos. Existem as ONG ambientalistas, técnicas e amadoras, que participam de conselhos, palestras, é o que nós estamos fazendo nesses últimos anos. Estamos cansados de os financiamentos saírem só para as grandes ONG e Universidades. Mas em breve espero que tenhamos mais tempo e ela venha a cumprir o ideal que ela foi criada inicialmente.

Mesmo com atividades de campo paradas, a instituição participa do CONDEMA de Ilhéus, do Conselho do Parque Municipal da Esperança, do Conselho Estadual de Entidades Ambientais, do Conselho Nacional de Entidades Ambientais e do Conselho de APA's.

ONG 34 - YONIC

Fundação: 2003.

Fonte de consulta: <http://www.yonicong.org>

Área geográfica de atuação: Itacaré, Ilhéus

“Nós somos não governamentais, quer dizer que atuamos aonde as estruturas governamentais não atuam ou fracassam. Sempre buscamos a excelência na solidariedade coletiva, nos trabalhamos por uma comunidade unificada e bem informada, suprimindo a lacuna entre a sociedade civil e os órgãos governamentais – municipais, estaduais e federais.”

Está localizada em Itacaré e possui mais de cinquenta pessoas dedicadas, trabalhando e desenvolvendo os programas da organização.

“Ela conta com pessoas qualificadas em várias áreas como gestão de ecossistema, biologia, engenharia, arquitetura, direito, medicina, arte, economia, sociologia, mecânica, design gráfico, web, artesanato, ecologia, técnicas de esporte, etc. A YONIC funciona como uma estrutura leve e ágil a fim de poder atuar aonde os ecossistemas necessitam de auxílio, sem seguir planos ou projeções. Em dois anos de trabalho, nós construímos uma meta estrutura para a cidade e o município de Itacaré.”

Uma ONG muito atuante, apesar de muito reticente quando procurada para dar informações sobre sua história (não foi possível realizar a entrevista). Outra característica é que, sua home-page apresenta-se quase que totalmente em inglês. Possui uma cadeira no Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio de Contas, uma cadeira no Conselho Gestor da APA de Serra Grande Itacaré.

5. O MULTISSETORIALISMO AMBIENTALISTA DO SUL DA BAHIA

O ambientalismo do Sul da Bahia, se analisado de uma forma mais abrangente, é composto por uma diversidade de entidades. Dentre elas, podemos encontrar agências estatais, grupos científicos, entidades políticas, empresas particulares, instituições educacionais e em maior número as ONG, que constituíram o foco de nosso estudo.

No quadro a seguir, apresentamos de forma geral, o perfil das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira do Sul da Bahia, sendo que cada um dos itens constantes da mesma, será discutido posteriormente.

Quadro 1 - Situação geral das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira do Sul da Bahia.

ONG ¹	Fundação	Atuação	Tipo Ambientalismo ²	Tipo Ambientalismo ³	Situação ⁴	Situação ⁵	Motivação ⁶	Valores ⁷
1	2005	Local	Educadores	Educadores	Ativa	Inativa	Ideológica	Socioambiental
2	1997	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Ativa	Financeira	Socioambiental
3	2003	Local	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Ativa	Inativa	Financeira	Sociocultural
4	2000	Nacional	<i>Stricto sensu</i>	Stricto sensu	Ativa	Inativa	Financeira	Socioeconômico
5	1999	Local	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Inativa	Inativa	Financeira	Econômico
6	1999	Local	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Inativa	Inativa	Financeira	Socioeconômico
7	2005	Nacional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Inativa	Inativa	Ideológica	Socioambiental
8	1998	Local	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Ativa	Ativa	Financeira	Social
9	1995	Regional	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Ativa	Ativa	Financeira	Socioeconômico
10	1999	Local	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Ativa	Ativa	Financeira	Socioambiental
11	2002	Internacional	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Ativa	Ativa	Ideológica	Social
12	2000	Regional	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Inativa	Inativa	Ideológica	Socioambiental
13	1999	Local	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Ativa	Inativa	Financeira	Social
14	1997	Regional	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Ativa	Ativa	Ideológica	Socioeconômico
15	1990	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Stricto sensu	Ativa	Inativa	Financeira	Econômico
16	1999	Local	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Inativa	Inativa	Ideológica	Ambiental
17	2002	Local	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Inativa	Inativa	Financeira	Socioambiental
18	1987	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Inativa	Ideológica	Socioambiental
19	1998	Regional	Socioambientalismo	Ambientalismo Social	Inativa	Inativa	Ideológica	Socioeconômico
20	1991	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Inativa	Inativa	Financeira	Socioambiental
21	2003	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Stricto sensu	Inativa	Inativa	Financeira	Socioambiental

22	2002	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Stricto sensu	Inativa	Inativa	Financeira	Econômico
23	1994	Nacional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Ativa	Financeira	Socioambiental
24	1996	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Ativa	Financeira	Ambiental
25	1999	Regional	Científico	Científico	Ativa	Ativa	Financeira	Ambiental
26	2003	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Ativa	Financeira	Socioambiental
27	2004	Local	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Inativa	Financeira	Socioambiental
28	2003	Local	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Inativa	Inativa	Financeira	Socioambiental
29	2003	Local	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Inativa	Inativa	Financeira	Socioambiental
30	2001	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Ativa	Financeira	Ambiental
31	2000	Local	Educadores	Educadores	Inativa	Inativa	Ideológica	Socioambiental
32	2004	Nacional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Ativa	Ideológica	Socioambiental
33	1999	Regional	<i>Stricto sensu</i>	Socioambientalismo	Ativa	Inativa	Financeira	Socioambiental
34	2003	Regional	Socioambientalista	Ambientalismo Social	Ativa	Ativa	Financeira	Socioambiental

¹Nome das Instituições no Capítulo 4;

²Classificação proposta por VIOLA & LEIS (1995), descrita no Capítulo 3;

³Nova classificação, com a alteração proposta no item 5.4;

⁴Situação atual das ONG estudadas;

⁵Nova classificação quanto a situação atual, com base no parâmetro Financiamento, detalhes no item 5.5;

⁶Motivos que levaram a formalização das organizações;

⁷Valores que norteiam e/ou nortearam as ações das ONG.

5.1. Períodos de institucionalização

Inicialmente é necessário que se tenha idéia de quais são os passos para que um grupo, inicialmente informal, chegue a tornar-se uma instituição com representação jurídica.

É fundamental que um grupo de pessoas, com objetivos e interesses em comum ou que se complementam, reúnam-se em assembléia, para definirem esses objetivos.

Após isso, as atas e os documentos necessários devem ser encaminhados ao Cartório de Registros, assim com devem ser pagas as devidas taxas.

Com a liberação do cartório, outros trâmites devem ser seguidos caso esse grupo pretenda realizar convênios e/ou transações financeiras. Mais detalhes sobre esse processo de formalização podem ser encontrados em SANT'ANA (1999).

Grande parte das ONG pesquisadas tem em seu histórico um período de atuação como grupo informal e abaixo transcrevemos fragmentos dos discursos de algumas delas, visando a confirmação do exposto.

Algumas pessoas observaram uma série de agressões na bacia: desmatamento, poluição, assoreamento, falta de água e falta de conscientização comunitária sobre estes problemas. Formou-se então um grupo, que começou a desenvolver trabalhos de Educação Ambiental para enfrentar os problemas existentes. (ONG 2)

“O Instituto [...] iniciou sua trajetória de luta ambientalista com um grupo de voluntários no ano de 1987 [...]” (ONG 20)

“[...] eu comecei a ver a ocorrência de desovas de tartarugas marinhas, ao mesmo tempo encontrava muitos ninhos roubados, violados, aí comecei fazer um trabalho informal com os moradores da ilha [...]” (ONG 24)

Estes grupos após algum período de ação informal e voluntária, sentiram a necessidade de se institucionalizarem e o período em que isso aconteceu, encontra-se na figura abaixo.

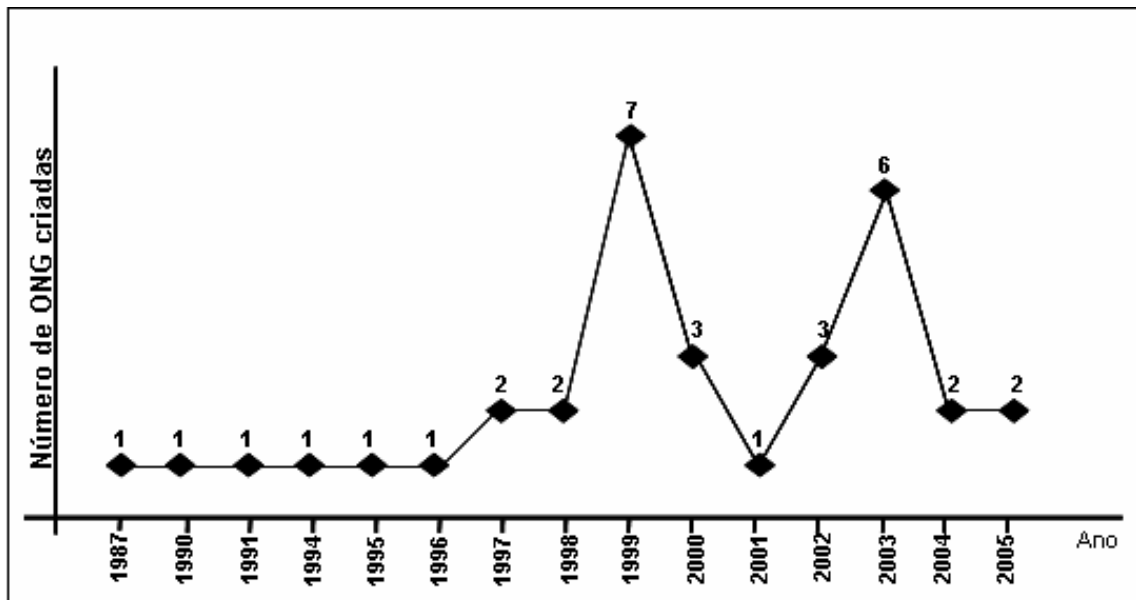


Figura 2 - Ordem cronológica de criação das ONG Ambientalistas Sul Baianas.

Verifica-se que mais de 95% dos grupos ambientalistas institucionalizaram-se a partir da década de 90, o que pode ser explicado principalmente pela intensa divulgação e popularização da problemática socioambiental do planeta, que aconteceu principalmente após a Rio 92.

“A popularização da questão ambiental induziu a um leque variado de respostas. De modo geral, houve um boom ecológico, como resposta difusa à crise socioambiental” (CANUTO, 2004).

Fica evidente na Figura 1 que em 1999 e em 2003 um grande número de organizações foi criada, dado que merece um estudo mais detalhado posteriormente.

5.2. Os Motivos

Toda conduta ou reação pressupõe um estímulo. [...] Se o estímulo parte do meio físico ou social, diz-se que é um estímulo externo (CARVALHO, 1986).

Ainda segundo a autora, todo ato, idéia ou sentimento provém de algum motivo ou estímulo.

Nesse contexto, e com base nos dados levantados, pudemos identificar os motivos que levaram os grupos informais a institucionalizarem-se. Com a utilização da técnica do DSC foi possível agrupar estes motivos em dois, sendo eles: os Ideológicos e os Financeiros.

5.2.1. Motivos Ideológicos

Caracterizamos como motivos ideológicos aqueles grupos que entendiam que somente com a formalização (institucionalização) seria possível lutar pelas

causas ambientais ou que tinham interesses meramente ideológicos de trabalhar em outra área – além da sua rotina normal de trabalho - que consideravam importante.

A seguir, transcrevemos alguns discursos que caracterizam a conceituação acima.

“[...] é importante a gente fazer alguma coisa prática, pois daqui a pouco não vai ter nem o que pesquisar mais [...].” (ONG 7)

“[...] A Mata Atlântica já vinha sendo devastada e as pessoas ficaram preocupadas, eu tenho que fazer alguma coisa [...].” (ONG 18)

Com a utilização das técnicas propostas na metodologia, construímos o DSC para esta motivação:

A degradação da Mata Atlântica, o abandono do Sistema Agroflorestal Cabruca, a degradação socioeconômica e ambiental das comunidades rurais, a falta de atenção com as minorias étnicas, a poluição das cidades, a forma deficiente como é trabalhada a Educação Ambiental e a falta de articulação entre as ONG Ambientalistas, motivaram nosso encontro e formalização como Instituição, pois entendíamos que esta seria a forma de sanar estes problemas.

5.2.2. Motivos Financeiros

Caracterizamos como motivação financeira, aqueles grupos que, tendo a consciência, observando e até mesmo já atuando por causas ambientais ou

socioambientais, sentiram a necessidade de captar recursos para desenvolver projetos ou institucionalizar aqueles já existentes, fortalecendo suas ações. Aqueles grupos originalmente informais e voluntários, que resolveram institucionalizar-se visando auferir renda realizando algo que gostavam também se enquadram neste perfil.

A seguir, transcrevemos alguns discursos que caracterizam a conceituação acima.

“Aí depois eles fizeram contato com a gente e disseram porque vocês não formam uma ONG, vocês podem estar captando recursos fora, foi aí que despertou.”
(ONG 8)

“A ONG surgiu porque o coordenador tinha a intenção real, ele tinha uma cunhada que era de uma Instituição estrangeira, que traria recurso. [...]” (ONG 20)

“[...] você tem que juntar essa galera e fazer uma ONG, vocês estão fazendo o maior trabalho bacana, formalizando vocês conseguem ter mais acesso a recursos”. (ONG 24)

A gente não conseguia fazer muito com que aquela coisa acontecesse, o Conselho em si não era uma pessoa jurídica, existiam pessoas com capacidade técnica por exemplo [...] que eram voluntárias [...] pessoas com potencial técnico que poderia desenvolver projetos para captar recursos, porque a gente ia precisar de recurso. (ONG 29)

Com a união de discursos como estes, construímos o DSC para esta motivação:

A desconfiança dos financiadores frente aos grupos informais, a burocracia e dificuldade das instituições públicas na captação e administração de recursos financeiros, a possibilidade de financiamento para o desenvolvimento de projetos ambientais, para o desenvolvimento de projetos agroecológicos, para ações sociais no meio rural, bem como a expectativa de auferir renda atuando na área socioambiental, motivaram a formalização de nosso grupo.

5.2.3. Quantificação dessas motivações

Para a construção dos DSC anteriores, agrupamos as idéias centrais das organizações por similaridade, e para que se conheça o número de instituições que se enquadram em cada um dos perfis, construímos a figura abaixo:

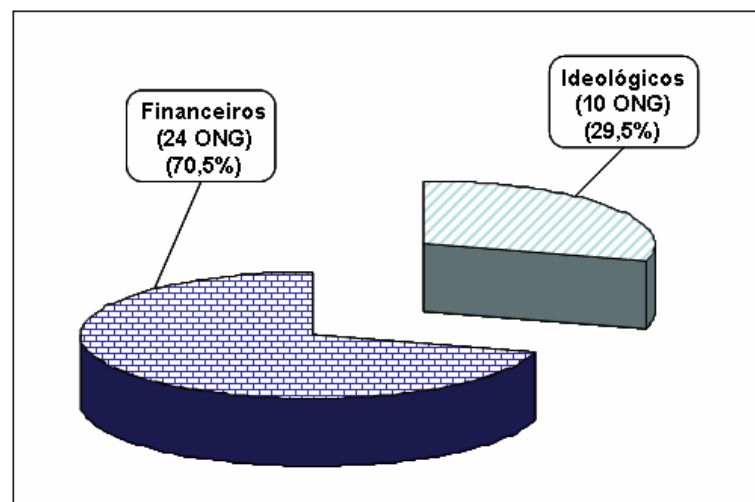


Figura 3 – Motivos que levaram a criação das organizações Sul Baianas.

5.3. Área espacial de atuação

Apesar de todas as ONG estudadas possuírem sua sede na Região Cacaueira da Bahia, sua atuação muitas vezes extrapola esses limites geográficos e para classificá-las com base na área espacial de atuação, utilizamos parte da classificação proposta pelo Relatório do Fórum de ONG's Brasileiras.

O Relatório diferencia os agentes que se movem no campo ecológico dos setores populares da sociedade civil brasileira por amplitude de ação, sendo de abrangência nacional, regional ou local. Visando o maior detalhamento dos dados, agregamos e esta classificação a amplitude internacional.

Conceituamos a seguir cada uma dessas amplitudes:

LOCAL: ONG que tem suas atividades concentradas em um município apenas ou em pontos específicos desse;

REGIONAL: ONG que atuam em mais de um município do Estado da Bahia;

NACIONAL: ONG que desenvolvem trabalhos na Bahia e em outros estados;

INTERNACIONAL: ONG com atuação em outros países.

Na figura a seguir, percebe-se que 38% das ONG tem sua área espacial de atuação limitada a apenas um município, ou somente em uma parte dele, enquanto que 47%, além de atuarem localmente, também possuem atividades em outros municípios do estado da Bahia e 15% possuem abrangência nacional e internacional.

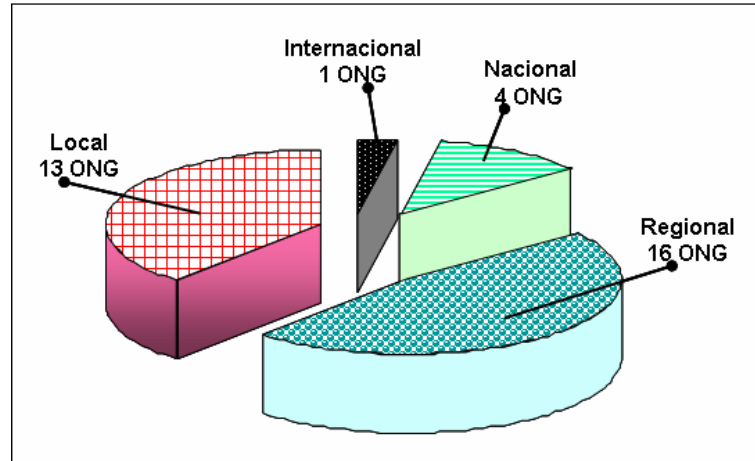


Figura 4 - Área espacial de atuação das ONG Ambientalistas da Região Cacaueira.

Observa-se que mais de 85% das ONG possuem sua atuação focada para questões locais e regionais, seguido da abrangência nacional e internacional com aproximadamente 14%. Pode-se afirmar, também, que 100% delas possui preocupação com a resolução dos problemas locais.

5.4. Os Tipos de Ambientalismo

Seguindo a classificação proposta por VIOLA & LEIS (1995), onde estes autores propõem oito setores principais para o ambientalismo multissetorial (já descritos no Capítulo 3), agrupamos as ONG Ambientalistas da Região Cacaueira, da seguinte forma:

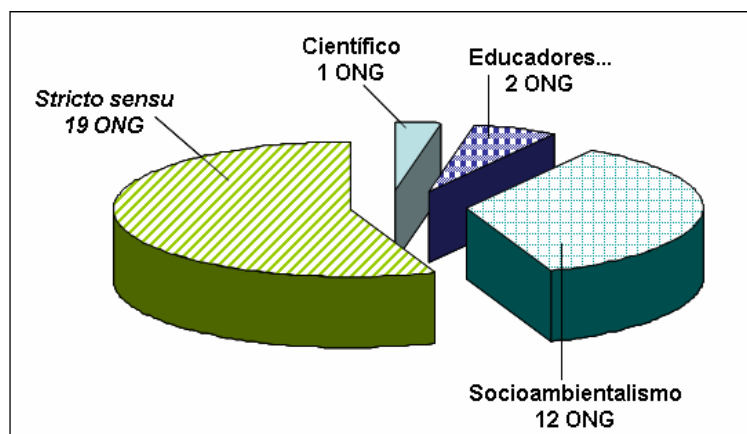


Figura 5 - Tipos do Ambientalismo da Região Cacaueira da Bahia.

A utilização da classificação proposta por esses autores nos levou a identificar algumas limitações quanto ao seu uso, principalmente em função do atual perfil das organizações.

A restrição a que nos referimos, deve-se ao fato de muitas das instituições não se enquadrarem apenas em um dos ambientalismos, ou seja, identificou-se que muitas das organizações estudadas, possuem fortes características de mais de um dos tipos propostos pelos autores.

Além disso, em um levantamento feito com os entrevistados onde questionamos em que ambientalismo se enquadravam, mostrando apenas os tipos sem a conceituação, sem excitar, autodeclaravam-se como Socioambientalistas. Porém, ao lerem o conceito do mesmo, rejeitavam-no, pois não se identificavam com aquele perfil.

Mais de 90% das instituições que autodefiniram-se como Socioambientalistas (antes da leitura do conceito), enquadram-se segundo VIOLA & LEIS, como Ambientalistas *Stricto sensu*, o que nos levou a identificar uma possível mudança no perfil dos agentes ambientalistas da década de 90 para os dias atuais,

entendendo, portanto, que a classificação proposta por esses autores, merece ser revista e reestruturada.

Para uma classificação mais adequada dessas ONG, propõe-se uma alteração no conceito de Socioambientalismo proposto por VIOLA & LEIS (1995).

Conceito que com as modificações, será colocado da seguinte forma:

“Socioambientalismo: organizações não-governamentais, que tem como objetivos precípuos a questão ambiental, mas incorporam as dimensões social, econômica e cultural como algo relevante em suas ações.”

A mudança no conceito desse tipo de ambientalismo justifica-se, pois boa parte das organizações enquadra-se, no perfil proposto.

Visando a distinção do Socioambientalismo proposto, em termos de nomenclatura, em relação ao Socioambientalismo de VIOLA & LEIS, propõe-se também a seguinte alteração:

“Ambientalismo Social: ONG, sindicatos e movimentos sociais que têm outros objetivos principais, mas que incorporam a proteção ambiental como uma dimensão relevante de sua atuação.”

Tomando como referência essas alterações, torna-se premente a apresentação de uma nova figura, ou seja, uma nova classificação.

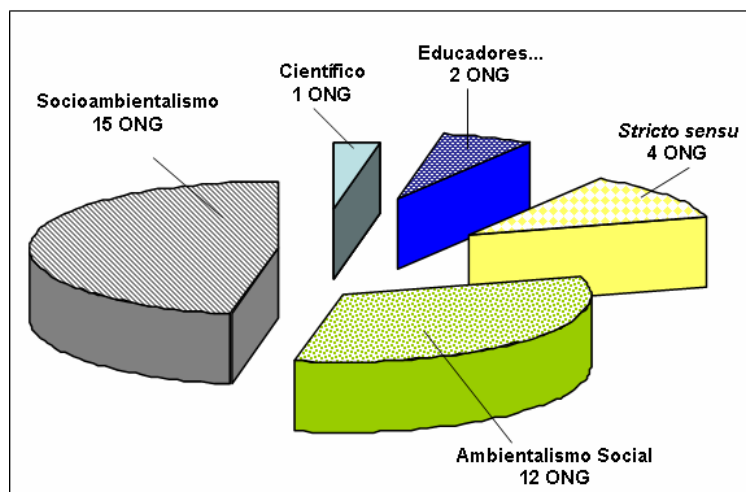


Figura 6 - Perfil do Ambientalismo na Região Cacaueira da Bahia, com base nas alterações propostas.

Pode-se perceber que as organizações classificadas como socioambientalistas no figura 4, passaram a ser identificadas como Ambientalistas Sociais, principalmente por possuírem missão e práticas fortemente voltadas para questões sociais com inexpressivo enfoque ambiental, e em alguns casos nenhum.

Na figura 5, 79% das instituições anteriormente definidas como *Stricto sensu*, após a proposição do novo conceito, passaram a ser enquadradas como socioambientalistas.

Entendemos que a utilização dessa classificação, com suas devidas alterações, pode ser útil para traçar o perfil das instituições ambientalistas, seja qual for a área de estudo, porém ainda de uma forma um tanto superficial. Para traçar um perfil com maior precisão, será necessário que se leve em conta outras variantes, como as constantes neste estudo.

Essa observação é justificável, uma vez que observamos nas organizações estudadas uma forte característica MULTICULTURALISTA, o que leva à intensas mutações, tanto internas quanto institucionais.

5.5. Discurso e Prática: a realidade

Segundo BORN (2003), as ONG Ambientalistas brasileiras têm tido um papel cada vez maior e de maneira mais efetiva nas políticas públicas e na geração de iniciativas, porém, ainda é grande a fragilidade institucional de uma parte dessas organizações.

Em 1990 três ONG realizaram um estudo, visando quantificar os agentes ambientalistas existentes no Brasil, chegando a um auspicioso número de 900 organizações espalhadas por todo o território nacional (CRESPO, 2003).

Conforme o mesmo autor, apesar do grande número de instituições, qualitativamente os dados tornavam-se pouco animadores, pois as ONG funcionavam de forma precária: com um número muito pequeno de militantes (inferior a 20); com recursos financeiros ínfimos e muitas vezes com atuação unicamente local. Além disso, a articulação entre as instituições era insignificante ou inexistente com ações amadorísticas e pontuais.

Percebe-se que ainda é considerável o número de instituições que funcionam com poucos militantes, muitas vezes compostas apenas por seus dirigentes, com orçamentos irrisórios, enfim, que ainda enquadram-se nesse perfil.

Muitas das organizações classificadas nesta pesquisa como em atividade, ainda enquadram-se no perfil descrito por esse autor, pois a maioria não possui uma equipe técnica efetiva e todos têm outras atividades profissionais, que são sua fonte de renda para subsistência. Em muitos casos, apenas seu dirigente participa de conselhos, comitês etc., como representante da mesma.

Essas instituições, mesmo sendo consideradas como inativas, até mesmo por seus representantes - por entenderem a falta de trabalhos de extensão como

inatividade - neste estudo estão classificadas como atuantes, por considerarmos a importância de suas participações em conselhos, comitês e outros grupos de discussão, que inegavelmente tem forte influência na formulação de políticas públicas socioambientais, por exemplo.

A seguir, apresentamos algumas transcrições que nos levaram a identificar a importante contribuição prestada por essas organizações:

“Essas instâncias de poderes, CEPRAM que é Conselho Estadual de Meio Ambiente e o CONAMA nós estamos trabalhando na política macro [...] então a gente tem contribuído para a política do estado da Bahia (ONG 18).”

“Nós participamos do CONDEMA de Ilhéus, nós participamos do Conselho do Parque Municipal da Esperança, nós participamos do Conselho Estadual de Entidades Ambientais, nós participamos do Conselho Nacional de Entidades Ambientais que elege os membros do CONAMA, nós participamos do Conselho de APAs (ONG 32).”

As instituições que consideramos como inativas foram aquelas que não funcionavam de forma alguma, ainda que existissem legalmente, seus membros dispersaram-se e a ONG estava sem atividade alguma.

Abaixo algumas transcrições que expressam tal situação:

“O trabalho né, infelizmente não deu pra seguir em frente, porque não conseguimos captar recursos, não conseguimos outro tipo de patrocínio também né (ONG 16).”

“[...] foi muita falta de experiência, ao mesmo tempo trabalhando e estudando, dispersava um pouco a questão de focalizar o direcionamento e sabe que tem muita dificuldade de financiamento [...] falta de profissionalização da gente.[...] As coisas foram acontecendo e a ONG foi deixada em segundo plano pelo pessoal (ONG 17).”

“[...] acabou o recurso do projeto, o instituto ficou difícil de se manter enquanto uma instituição técnica. [...] no final de 2005, decidiu por dissolver o instituto (ONG 29).”

Neste contexto a figura a seguir demonstra a quantidade de ONG Ambientalistas atuantes e inativas.

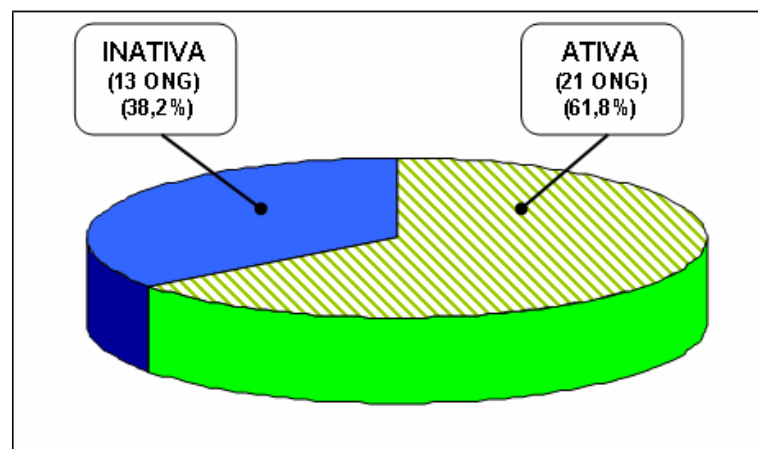


Figura 7 - Classificação das ONG por situação atual.

Grande parte das instituições consideradas ativas neste estudo se enquadra no perfil descrito por CRESPO (2003), para as ONG da década de 90, quando diz: “a maioria funcionava com poucos militantes, tinham orçamentos irrisórios e uma atuação apenas local. Era um conjunto de organizações desarticuladas, amadoras que viviam do heroísmo dos seus militantes.”

O cruzamento entre os dados da figura 6 e os da figura 2, revela-nos que das 10 organizações criadas entre 1991 e 1999, 50% deixaram de funcionar. Esse percentual amplia-se quando observamos o período entre 2000 a 2005, onde quase 60% delas não estão mais em atividade.

Se considerarmos como atuantes, apenas aquelas organizações que possuem um corpo técnico remunerado por ela e/ou recebem algum tipo de financiamento para o desenvolvimento de suas ações outro quadro se revela.

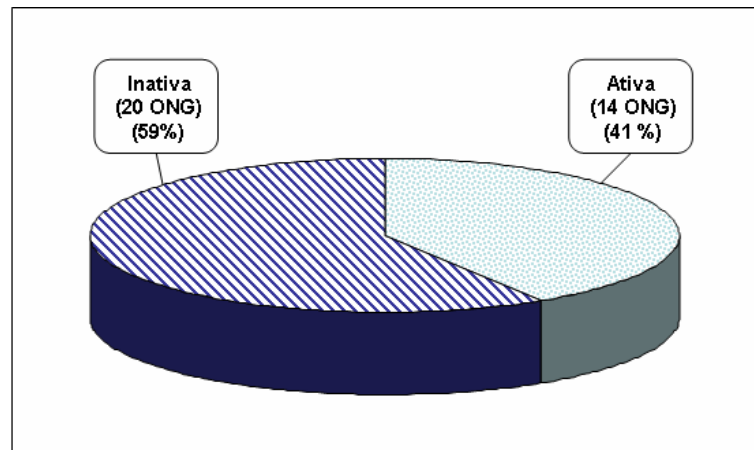


Figura 8 - Classificação das ONG por situação atual, com base no parâmetro financiamento.

Comparando os dados da Figura 6 com os da Figura 7, percebe-se que os percentuais praticamente se invertem, ou seja, quase 60% delas passam a ser consideradas como inativas.

5.6. Os Valores

Cabe aqui citarmos (PARISI & COTRIM, 1987), quando de forma extremamente clara e simples fazem a seguinte observação:

Vivemos cercados por um mundo de coisas. Estas coisas possuem um caráter próprio, peculiar, que nos faz assumir diante delas uma posição de preferência. Isto porque elas se nos apresentam como feias, bonitas, profanas, sagradas etc., mas nunca indiferentes.

Esta não-neutralidade do ser humano diante das coisas é que faz com que se expressem os valores.

Entendendo que as instituições, ativas ou inativas são movidas valores que norteiam ou nortearam suas ações, identificamos através da técnica do DSC, cada um deles.

Cada um dos discursos foi analisado, onde levamos em consideração a história das instituições, a forma como atuaram e como vem atuando, o que nos possibilitou a identificação dos valores norteadores das ações de cada uma delas.

Abaixo, especificamos os principais valores que orientam as ações dessas organizações.

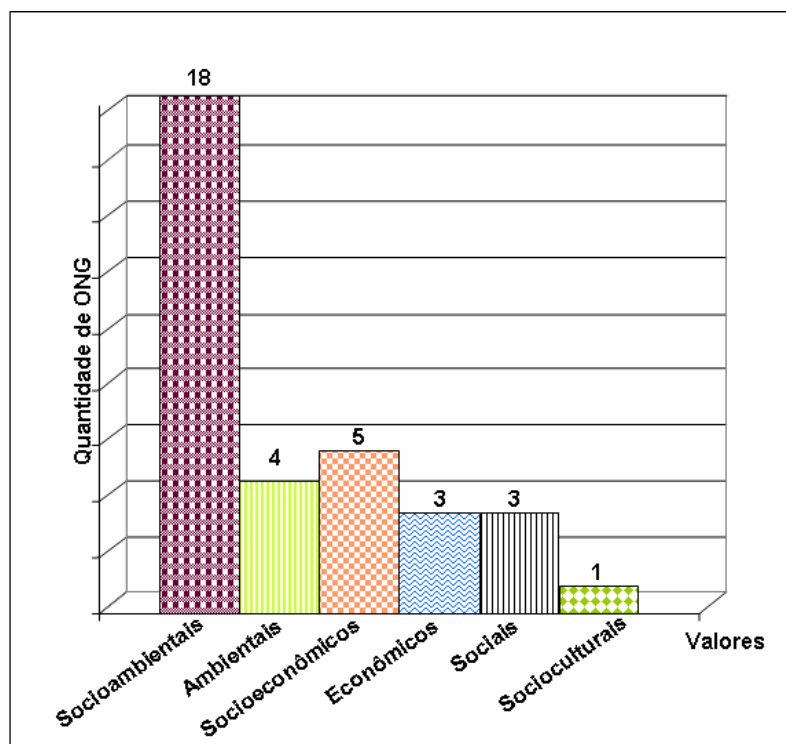


Figura 9 - Principais valores defendidos pelas ONG Ambientalistas da Região.

Para que haja um maior esclarecimento, segue abaixo a descrição de cada um dos valores que encontramos na análise dos discursos:

- **Valores Sociais:** onde o foco principal é a qualidade de vida do ser humano;
- **Valores Ambientais:** ações voltadas para a conservação da fauna, flora e outros recursos naturais;
- **Valores Econômicos:** ações com foco em questões ambientais, mas que tem como prioridade a aquisição de recursos financeiros para o bem estar dos integrantes da organização;
- **Valores Culturais:** ações voltadas unicamente para a manutenção e preservação dos costumes, crenças e tradições de uma determinada etnia;

- **Valores Socioambientais:** ações que primam pela manutenção e/ou preservação dos recursos naturais, sem esquecer da manutenção da vida humana;

- **Valores Socioeconômicos:** ações voltadas para obtenção de recursos financeiros para a manutenção de uma determinada atividade de um grupo específico, mas com grande preocupação em obtenção de benefícios para a comunidade em que este grupo encontra-se inserido;

Para cada um desses valores construímos o DSC e os procedimentos seguidos para esta construção encontram-se no apêndice.

A seguir apresentamos esses discursos coletivos:

DSC – VALOR SOCIOAMBIENTAL

Preservar e fortalecer nosso patrimônio natural, cultural, histórico e humano, promovendo o desenvolvimento sustentável, através de pesquisas, da Educação Ambiental para as comunidades, da utilização de tecnologias alternativas de saneamento básico e da troca de experiências e do fortalecimento das ONG Ambientalistas.

DSC – VALOR SOCIOECONÔMICO

Nossa missão é tentar financiamento para nossas atividades agroecológicas, buscar benefícios para melhorar a qualidade de vida das comunidades rurais e lutar por políticas públicas que nos beneficiem.

DSC – VALOR AMBIENTAL

Nossa missão é pesquisar, conservar os ambientes urbano, costeiro e de Mata Atlântica, para subsidiar políticas públicas de conservação dos ecossistemas.

DSC – VALOR ECONÔMICO

Nossa missão é prestar trabalhos de consultoria ambiental, buscar financiamento para subsidiar nossas atividades agrícolas, e servir de suporte técnico-financeiro a uma instituição governamental.

DSC – VALOR SOCIAL

Pretendemos promover qualidade de vida a mulheres, aos jovens, aos adolescentes e as crianças, bem como promover o resgate e valorizar grupos de afrodescendentes, índios e assentados.

DSC – VALOR SOCIOCULTURAL

Nossa missão é fortalecer e manter a cultura Tupinambá.

Cabe aqui, chamar a atenção para o DSC do valor sociocultural, pois nesse caso, apenas uma das organizações estudadas defende esse valor, o que não caracterizaria um discurso coletivo, porém, entendendo que esta ONG representa uma determinada coletividade, o mantivemos no mesmo contexto dos demais.

Ainda pensando na questão dos valores, observamos que vários segmentos da sociedade vêm tirando proveito do atual apelo ambiental em benefício próprio.

Referimo-nos a utilização de ecodiscursos, a existência de ecoempresas de qualidade total, de ecoestabelecimentos comerciais, de ecopolíticos entre outros,

que acabam por banalizar as questões socioambientais, uma vez que visam apenas auferir lucros ou status sociais e, infelizmente, de forma efetiva nada é realizado.

Optou-se pela transcrição de parte de uma das entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, que vem a corroborar essa afirmação:

[...] o apelo a 10 anos atrás das ONG para se conseguir recursos era a questão social [...] o apelo de 5 anos pra cá, é o apelo ambiental, então, tanto é, que toda ONG que você encontrar, você vai ler o estatuto dela [...] vai estar escrito lá, Educação Ambiental, vai estar escrito lá que você faz reciclagem [...] alguma coisa relacionada a proteção do meio ambiente, mesmo que seja por exemplo a proteção do Saci Pererê [...] porque é o apelo que hoje você consegue, teoricamente, você consegue recursos maiores e com mais facilidade. A questão ambiental está na moda. Não estou generalizando, tem muita gente séria aí no mercado [...]. (ONG 13)

Entende-se, portanto, que o uso indevido de tais termos, ou o modismo da naturalização do homem, pode levar a uma inversão de valores e conseqüente banalização do tema, o que nos parece extremamente preocupante.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há encontros e desencontros entre ONG internacionais e locais, bem como entre as denominadas ONG populares e as ambientalistas, ou destas com atores estatais ou outras organizações populares.

(WARREN, 2002)

Se pensarmos quantitativamente, podemos considerar a Região Cacaueira como privilegiada, pois possui em seu bojo, 34 instituições ambientalistas, que em linhas gerais, atuam nas mais variadas áreas. Porém, com este estudo, foi possível verificar que nem todas conseguem colocar em prática suas idéias e propostas.

Isso se deve, talvez, pela falta de experiência de seus integrantes, ou pela falta de profissionalização desses grupos, o que leva a dificuldade de conseguirem financiamento e conseqüente inatividade. Aqui cabe a transcrição de trechos de algumas entrevistas com os dirigentes das ONG:

“Formar uma ONG não pode ser só empolgação, hoje deve haver uma visão muito mais profissional (ONG 1).”

“[...] foi muita falta de experiência, ao mesmo tempo trabalhando e estudando, dispersava um pouco a questão de focalizar o direcionamento e sabe que tem muita dificuldade de financiamento [...] e a falta de experiência da gente mesmo [...] falta de profissionalização da gente (ONG 17).”

Estas transcrições demonstram que os próprios dirigentes reconhecem tal dificuldade.

Neste contexto destacamos a APEDEMA, que surgiu visando modificar tal realidade, bem como a falta de articulação entres esses atores, porém, na prática, ainda existe uma grande lacuna entre eles. Realidade que dificulta a efetivação de ações na busca de solução para os problemas socioambientais.

CANUTO (2004) faz uma observação que vem de encontro as nossas observações: “Está francamente admitido, ao menos ao nível dos discursos, que a sustentabilidade reúne as dimensões ecológica, sociocultural e econômica.”

Outra questão é a fragmentação interna dos grupos, que é conseqüência da necessidade individual de cada integrante em auferir renda para subsistência, o que leva esses militantes a deixarem as ações da ONG para segundo plano, mesmo reconhecendo a urgência da implementação de ações de preservação ambiental para a manutenção da qualidade de vida do ser humano.

Essa afirmação provém até mesmo dos próprios dirigentes de algumas ONG, conforme transcrições a seguir:

“Foi muita falta de experiência, ao mesmo tempo trabalhando e estudando, dispersava um pouco.” (ONG 17)

“A ORDEM é uma instituição basicamente formada por técnicos funcionários públicos [...] eles tem as atividades deles [...] teve uma época em que nós tínhamos mais disponibilidade de tempo.”(ONG 33)

Entendemos este trabalho como uma provocação, para que novas conjecturas sejam estimuladas, possibilitando assim a construção de um conhecimento com vistas a mudanças sociais, não apenas atrelada a conceitos, mas

sim, a discussão de uma nova utopia, uma cultura e uma verdadeira ética ambiental, não apenas no discurso, mas também na prática.

Pensando em dar início a essas conjecturas, além do trabalho que hora encerramos, transcrevemos um fragmento extraído de uma das entrevistas realizadas:

Se você olhar bem, todos tem os mesmos objetivos, as mesmas propostas, pior ainda, as mesmas propostas de atuação na realidade, no cotidiano, se você pegar as três maiores instituições que estão cuidando da conservação da floresta, na prática não tem uma busca nem de sinergia, nem de propostas, nem o que cada um tem de melhor. (ONG 32)

7. SUGESTÕES

O estudo que por hora encerramos nos permitiu a realização de diversas observações, o que nos possibilitou dispor as seguintes sugestões:

Criar um ONG não é uma tarefa difícil, mas mantê-la funcionando e colocar as suas propostas em prática, é algo bem mais complexo. Para que a funcionalidade seja efetiva, é necessário que a organização constitua um corpo técnico de qualidade, busque com antecedência as possibilidades de financiamento para as linhas a que se propõe atuar e por fim procure articular-se com outros parceiros.

Das 34 instituições estudadas, muitas possuem ações similares e/ou complementares. Acreditamos que, respeitando as suas individualidades, é necessário que haja uma real articulação entre elas, pois assim, as ações que, hoje, sem dúvida são importantes, serão brilhantes e terão maior êxito.

Às instituições que no momento se encontram na inatividade, sugerimos que busquem resgatar suas propostas e ações, pois possuem boas idéias e serão de grande importância para nossa região.

8. REFERÊNCIAS

ABBGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 976 p.

ACOT, P. **História da Ecologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

AGENDA 21. **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.

ALEXANDRE, A. F. **A Perda da Radicalidade do Movimento Ambientalista Brasileiro**: uma contribuição à crítica do movimento. Florianópolis: Edifurb, 2000.

ALMEIDA, D. S. de. **Recuperação ambiental da mata atlântica**. Ilhéus: Editus, 2000.

ANDRADE, M. C. **O Desafio Ecológico**: utopia ou realidade. São Paulo: Hucitec, 1994.

ANDRADE, S. A. **Considerações Gerais sobre a Problemática Ambiental**. In: Educação Ambiental: curso básico a distância: conceitos, história, problemas e alternativas. Coordenação-Geral: Ana Lúcia Tostes de Aquino Leite e Nana Mininni-Medina. Brasília: MMA, 2001. 5v. 2ª Edição Ampliada.

ARAÚJO, M. **Conservação da Mata Atlântica na Região Cacaueira da Bahia**. Apresentação de estudos de caso de desenvolvimento sustentado. In: Seminário da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (5.: 1997: Alagoas). Anais do V Seminário da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica / Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. São Paulo: SMA/CED, 1998.

ARAÚJO, M. **Apresentação**. In: O desafio da agricultura sustentável: alternativas viáveis para o sul da Bahia. UZÊDA, M. C. (Org.). Ilhéus: Editus, 2004.

BARBOZA, T.A.V. & FRACOLLI, L.A. **The use of an analytic flowchart to organize healthcare in the Brazilian Family Health Program**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(4):1036-1044, jul-ago, 2005

BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Editores) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 3 ed. - Pedrinho A. Guareschi (tradutor). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BOEIRA, S. L. **Ambientalismo II**. Disponível em:
<<http://hps.infolink.com.br/peco/boeira04.htm>> Acesso em: 24 maio 2006.

BORN, R. H. **Articulação do Capital social pelo movimento ambientalista para a sustentabilidade do desenvolvimento no Brasil**. In: Meio ambiente no século 21: 21 especialistas nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, A. (Coord.) Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BRIGHT, C. **O Chocolate pode resgatar a Floresta**. WORD.WATCH. UMA Editora, v. 14, n. 6, p. 17 – 18, 2000.

BRIGHT, C. & MATTOON, A. **A Recuperação de um Hotspot**. WORD.WATCH. UMA Editora, v. 14, n. 6, p. 8 – 16, 2000.

CANUTO, J. C. **Dimensão socioambiental da agricultura sustentável**. In: O desafio da agricultura sustentável: alternativas viáveis para o sul da Bahia. UZÊDA, M. C. (Org.). Ilhéus: Editus, 2004.

CAPRILES, R. "**Meio Século de Lutas: Uma Visão Histórica da Água**", Revista. Eco 21, n. 76, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=457>>. Acesso em: 23 maio 2006.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

CARVALHO, I. M. **Introdução à Psicologia das Relações Humanas**. 15 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

CAMARGO, A. **Governança para o século 21**. In: Meio ambiente no século 21: 21 especialistas nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, A. (Coord.) Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CAMPANILI, M. & PROCHNOW, M. (Org.) **Mata Atlântica - uma rede pela floresta**. Brasília: RMA, 2006.

CRESPO, S. **Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990**. In: Meio ambiente no século 21: 21 especialistas nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, A. (Coord.) Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DIAS, G. F. **Elementos para capacitação em educação ambiental**. Ilhéus: Editus, 1999.

DUTRA, W. **História da Análise Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

FERREIRA, L. C. **Sociologia ambiental brasileira: um levantamento provisório**. Ambiente e Sociedade, jan./jun. 2002, no. 10, p 27-43.

FERREIRA, M. M & AMADO, J. (Org.). **Usos & Abusos da História Oral**. 4 ed. – Rio de Janeiro: FGV, 2001.

FOLADORI, G. & TAKS, J. **Um olhar antropológico sobre a questão ambiental**. Mana, out. 2004, vol. 10, no. 2, p. 323-348.

Fórum de ONG Brasileiras. **Meio ambiente e desenvolvimento**: uma visão das ONG e dos movimentos sociais brasileiros. Rio de Janeiro: Fórum de ONG Brasileiras, 1992.

GIBERTONI, G. B. & FALCÃO, E. B. M. **Os discursos sobre Deus em diferentes momentos da formação de biólogos**. In: Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A.M.C. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. - São Paulo: Atlas S. A., 1999.

GIL, G. **Algumas notas sobre cultura e ambiente**. In: Meio ambiente no século 21: 21 especialistas nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, A. (Coord.) Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GUIMARÃES, R. P. **A assimetria dos interesses compartilhados**: América Latina e a agenda global do meio ambiente. LEIS, H. R. (Org.). In: Ecologia e política mundial. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

GUIVANT, J. S. **A agricultura sustentável na perspectiva das ciências sociais**. In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 4. ed. - São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

HAGVAR, S. **Preserving the Natural Heritage: The Process of Developing Attitudes.** AMBIO. Vol.23, no 8, Dec. 1994.

HERCULANO, S. C. **O campo do ecologismo do Brasil: O Fórum de ONG.** In: Política e Cultura: Visões do Passado e Perspectivas Contemporâneas. Elisa Reis, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Peter Fry (organizadores). São Paulo: Hucitec, 1996.

KRISCHKE, P. J. **Atores sociais e consolidação democrática na América Latina: estratégias, identidades e cultura cívica.** In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 4. ed. - São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

LANDIM, L. (Org.) **Ações em sociedade: Militância, Caridade, Assistência etc.** Rio de Janeiro: NAU, 1998.

LEFÈVRE, F. & LEFÈVRE, A.M.C. **Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LEFÈVRE, F. & SIMIONE, A. M. C. **Maconha, saúde, doença e liberdade: análise de um fórum na Internet.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 15 (Sup. 2):161-167, 1999.

LEIS, H. R. **Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial.** In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 4. ed. - São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

LEONELI, D. **Uma sustentável revolução na floresta**. São Paulo: Editora Viramundo, 2000.

LOBÃO, D. E. et al. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/cabruca.html>> Acesso em: 8 out. 2004.

LOUREIRO, C. F. B. **A Assembléia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente-RJ e o Pensamento de Esquerda: Análise Crítica do Coletivo Organizado a partir do Depoimento de suas Históricas Lideranças Estaduais**. Rio de Janeiro, 2000. 281f. Tese (Programa de Pós-graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOUREIRO, C. F. B. **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais. Governo da Bahia, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

LÜKE, M. & MARLI E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MASCARENHAS, G. C. C. **A atual conjuntura socioeconômica e ambiental da Região Sul da Bahia e a agricultura sustentável como uma alternativa concreta**. In: O desafio da agricultura sustentável: alternativas viáveis para o sul da Bahia. UZÊDA, M. C. (Org.). Ilhéus: Editus, 2004.

MATOS, E. N. de. **Diagnóstico de terceiro setor e relevância ecológica no corredor central da mata atlântica**. Instituto de Estudos Sócio-ambientais do Sul da Bahia (IESB), 2003.

McCORMIC, J. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MEADOWS, D. H. et al. **Limites do crescimento**. São Paulo: Perspectiva, 1972

MENEZES, D. **Premissas do Culturalismo Dialético: os componentes de um pensamento filosófico**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999

NETO, O. C. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. MINAYO, M. C. S. (Org.) In: Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999

NOVAES, W. **Agenda 21: um novo modelo de civilização**. In: Meio ambiente no século 21: 21 especialistas nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, A. (Coord.) Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

NUNES, C. **Histórico do Instituto Tijuípe**. Jornal da APA. Informes. Itacaré – Serra Grande. Ano III. Nº 32, julho de 2004.

OKSANEN, M. **The Moral Values of Biodiversity**. AMBIO. Vol.26, no. 8, Dec. 1997. Royal Swedish Academy of Sciences.

OLIVEIRA, M. C. R. **As relações ambientais da Bacia do Rio Cachoeira (Sul da Bahia)**. Ilhéus: Editus, 1997.

PARISI, M. e COTRIM, G. **Trabalho dirigido de filosofia**. 12 ed. São Paulo: Saraiva, 1987.

PHILLIPS, B.S. **Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

PIGNATTI, M. G. **As ONGs e a política ambiental nos anos 90**: um olhar sobre Mato Grosso. São Paulo: Annablume; Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Saúde Coletiva, 2005.

PIRES, M. (Org.) **Manual para elaboração de trabalhos técnicos-científicos**. 3. ed. Rev. e ampl. – Ilhéus: UESC/Editus, 2006.

REALE, M. **Cinco temas do culturalismo**. São Paulo: Saraiva, 2000.

RIBEIRO, J. F. & WALTER, B. M. T. **Fitofisionomias do bioma Cerrado**. In: SANO, Sueli M.; ALMEIDA, Semíramis P. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: Embrapa – CPAC, 1998.

RUMMEL, J. F. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação**. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Editora Globo, 1997.

RUNYAN, C. **Ação na LINHA DE FRENTE. WORD.WATCH**. UMA Editora, v. 12, n. 6, p. 12 – 15, 1999.

SANT' ANNA, G. C. **Organizações não-governamentais (ONGs)**: alguns aspectos legais. In: TENÓRIO, F. G. (org.). **Gestão de ONGs. Principais funções gerenciais**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SANTILLI, J. A **distribuição socialmente injusta dos ônus gerados pelas políticas de criação e implantação de unidades de conservação ambiental em áreas ocupadas por populações tradicionais.** A visão crítica do socioambientalismo e as tentativas de superação de tais discriminações sociais através de mecanismos jurídicos criados pela Lei do SNUC. Disponível em: <www.anppas.org.br/encontro/segundo/Papers/>. Acesso em: 18 jul. 2006.

SAUNDERS, D. A. **The landscape approach to conservation: community involvement, the only practical solution.** Australian Zoologist, Vol. 26 (2). Jun. 1990. p 49-53.

Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária e Diretoria de Desenvolvimento Florestal e Governo da Bahia - DDF. **Política Florestal da Bahia.** Lei nº 6.569 de 17/01/94 e Decreto nº 6.785 de 23/09/97.

Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia – SEPLANTEC, Centro de Recursos Ambientais – CRA. **O Caminho da Agenda 21.** Caderno I – Governo do Estado da Bahia. Setembro, 1998.

Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia – SEPLANTEC, Centro de Recursos Ambientais – CRA. **Pacto Federativo. Leis Federais e Estaduais de Meio Ambiente. Caderno II – Legislação Florestal.** Governo do Estado da Bahia. Setembro, 1998. Série Legislação.

SOBREIRA, R. R. **A preservação do Cerrado no contexto da responsabilidade social das organizações:** o caso do Instituto Trópico Subúmido da Universidade Católica de Goiás. Florianópolis, 2002. 88f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina.

STREEVER, W. J. et al. **Public attitudes and values for wetland conservation in New South Wales, Australia.** Journal of Environmental Management (1998) 54, 1-14.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Diagnóstico ambiental. Litoral Sul da Bahia. Salvador: SEI, 1999.

TEIXEIRA, J. J. V. **O Significado da fé religiosa na vida do paciente idoso com câncer e na rotina médica.** Os olhares do sujeito coletivo médico. In: LEFÈVRE, F. **Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

THOMAS, K. (1933) **O Homem e o Mundo Natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Renato Janine Ribeiro (tradutor)

TREVIZAN, S. D. P. **Sociedade-Natureza: uma concreta e necessária integração.** Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 1999.

TRIGUEIRO, A. (coordenador). **Meio Ambiente do Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento.** Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

TURNER, D. D. **Are We at War with Nature?** Environ Values 14, no 1, 2005.

VIEIRA, P. F. **Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento.** In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 4. ed. - São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

VIOLA, E. **O movimento ecológico no Brasil**: do ambientalismo à ecopolítica. In: Ecologia e política no Brasil. PÁDUA, J. A. (Org). Rio de Janeiro: espaço e Tempo, 1987.

VIOLA, E. & LEIS, H. R. **O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92**: o desafio de uma estratégia globalista viável. In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 4. ed. - São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

VIOLA, E. J. & LEIS, H. R. **Desordem global da biosfera e a nova ordem internacional**: o papel organizador do ecologismo. In: Ecologia e Política Mundial. Héctor R. Leis (Org.). Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

WARREN, I. S. **ONGs na América Latina**: trajetória e perfil. In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 4. ed. - São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

WERNECK, V. **Educação e Sensibilidade**: um estudo sobre a teoria dos valores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

APÊNDICE

1. PROCEDIMENTOS USADOS PARA A CONSTRUÇÃO DO DSC PARA A MOTIVAÇÃO DE CRIAÇÃO.

Extraímos dos discursos fornecidos pelos representantes das ONG, as Expressões-Chave que demonstravam os motivos que levaram a formalização dos grupos e logo a seguir apresentamos as Idéias Centrais.

1.1. Expressões-Chave e Idéias Centrais

ONG 1 - Assembléia Permanente das Entidades em Defesa do Meio Ambiente de Ilhéus – APEDEMA/IOS

[...] observou que, apesar da existência de sérios problemas ambientais, o Conselho de Meio Ambiente de Ilhéus (CONDEMA de Ilhéus) não conseguia se reunir a mais de 6 meses [...]. Formar uma ONG não pode ser só empolgação, hoje deve haver uma visão muito mais profissional.

IDÉIA CENTRAL: capacitação, profissionalização e integração das ONG.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 2 - Associação Brasileira de Apoio aos Recursos Ambientais – ABARÁ.

Pensou-se na oficialização do grupo para direcionar os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos, o que foi concretizado com a criação da ABARÁ.

IDÉIA CENTRAL: captação de recursos.

MOTIVO: FINANCEIRO**ONG 3 - Associação Cultural e Ambientalista dos Índios Tupinambá de Olivença**

A organização foi criada pois, possuindo razão social, era possível propor projetos e representar legalmente os índios com vistas ao fortalecimento da cultura indígena, que tinha sido perdidas nesses anos de convivência de aculturação.

IDÉIA CENTRAL: propor projetos e representação dos índios.

MOTIVO: FINANCEIRO**ONG 4 - Associação de Proprietários de Reservas Particulares da Bahia – PRESERVA**

[...] proprietários de reservas resolveram criar uma instância que os representasse no cenário das reservas privadas a nível nacional. [...] outras possibilidades foram surgindo, a instituição começou a criar seus próprios projetos.

IDÉIA CENTRAL: captação de recursos para o desenvolvimento de projetos.

MOTIVO: FINANCEIRO**ONG 5 - Associação dos Apicultores Ambientalistas de Ilhéus**

Aí eu vi alguém falando que se montasse uma associação o governo dava apoio, ajudava e tinha até financiamento para aumentar o apiário e o governo até montava a casa de mel para vendermos nosso mel [...].

IDÉIA CENTRAL: financiamento para atividade apícola.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 6 - Associação dos Morados e Agricultores do Rio do Engenho e Adjacências – AMAREA.

[...] surgiu a idéia de montar uma associação, pois solicitando financiamento em grupo, seria menos difícil.

IDÉIA CENTRAL: financiamento para atividade agrícola.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 7 - Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico

Sentindo a necessidade de poder atuar de forma mais extensiva, a entrevistada buscou informações sobre a ONG e hoje é representante da instituição em Ilhéus.

IDÉIA CENTRAL: atuar de forma extensiva na área socioambiental.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 8 - Associação Núcleo da Mulher

Aí, uma instituição alemã, a Human Network que ainda não estava no Brasil [...] viu essa caminhada, fotografou. Chamou a atenção o trabalho! Aí depois eles fizeram contato com a gente e disseram: Por que vocês não formam uma ONG? Vocês podem estar captando recursos fora. Foi aí que despertou.

IDÉIA CENTRAL: captação de recursos para desenvolvimento de projetos.

MOTIVO: FINANCEIRO**ONG 9 - Associação para o Desenvolvimento Agroecológico de Comunidades Rurais – JUPARÁ**

[...] o trabalho inicialmente era voluntário, sendo vinculado à igreja, porém, devido a algumas limitações da mesma, o grupo precisou optar por qual lado lutaria. Com objetivo definido, que era lutar pelos pequenos agricultores, corriam muitos riscos, pois suas ações eram basicamente de fazer denúncias a favor dos pequenos agricultores e pedir proteção para as pessoas ameaçadas. Com isso, sentiram a necessidade de organizarem-se, surgindo então o JUPARÁ [...].

IDÉIA CENTRAL: apoiar pequenos agricultores.

MOTIVO: FINANCEIRO**ONG 10 - Associação Rosa dos Ventos**

A observação do restrito acesso das crianças do meio rural às escolas, da elevada taxa de analfabetismo de adultos e da insuficiência em número e em qualidade de ensino dessas escolas (no meio rural de Itacaré). [...] arrecadar fundos [...].

IDÉIA CENTRAL: arrecadar fundos para ações sociais.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 11 - CARE

A necessidade de apoiar grupos excluídos da sociedade. Resultado de uma parceria com organizações da sociedade civil, integradas através de um Conselho Gestor, o programa desenvolvido pela CARE na região [...].

IDÉIA CENTRAL: auxílio a minorias étnicas.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 12 - Centro de Desenvolvimento Agroambiental e Cidadania –**CDAC**

As limitações do Instituto Cacau-Cabruca para atuar no campo social, motivaram os seus integrantes a criar o CDAC.

IDÉIA CENTRAL: atuar na área social rural.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 13 - Centro Cultural Profissionalizante Tororomba –**FAZENDARTE**

A ONG surgiu porque o coordenador tinha a intenção real, ele tinha uma cunhada que era de uma Instituição estrangeira, que traria recurso.

IDÉIA CENTRAL: captar de recursos.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 14 - Escola Agrícola Familiar Margarida Alves – EACMA

Ela nasceu por uma demanda que havia no meio das comunidades rurais que a gente trabalhava.

IDÉIA CENTRAL: auxiliar comunidades rurais.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 15 - Fundação Pau Brasil – FUNPAB

[...] centralizar, estimular e captar recursos para projetos na área de meio ambiente, incluindo cacau [...].

IDÉIA CENTRAL: captar recursos para desenvolver projetos ambientais.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 16 - Grupo Ambiental Fotossíntese – FOTOSSÍNTESE

Um grupo de amigos, residentes no Bairro do Pontal de Ilhéus, em mais um de seus encontros na praia do sul, sem maiores pretensões, observou a grande quantidade de lixo naquele local, além de uma grande quantidade de ratos. Foi a partir desse olhar crítico que surgiu a idéia de criar uma ONG.

IDÉIA CENTRAL: observação de problemas ambientais urbanos.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 17 - Grupo de Apoio às Comunidades e ao Meio Ambiente –**GACMA**

Essa ONG começou dentro da Universidade que eu estudava, aí tinha um grupo de estudantes de várias áreas [...] mas geralmente as áreas envolvidas com meio ambiente geral, mas tinha algumas pessoas de veterinária, algumas pessoas já formadas em psicologia [...] todo mundo se conhecia tinha um grau de amizade e começaram a se reunir para fazer algumas práticas de Educação Ambiental. Aí ficaram se reunindo [...] dentro dessas reuniões começaram a ver também a questão de pessoas já se formando [...] focalizando o lado profissional de ganhar um dinheiro fazendo o que gosta.

IDÉIA CENTRAL: ganhar dinheiro cuidando do meio ambiente.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 18 - Grupo de Resistência às Agressões ao Meio Ambiente –**GRAMA**

A Mata Atlântica já vinha sendo devastada e as pessoas ficaram preocupadas, eu tenho que fazer alguma coisa. [...] Então isso foi uma influência. Um grupo de pessoas, motivados por essas grandes conferências e acontecimentos, aliadas à observação da degradação da Mata Atlântica e dos manguezais e de outros problemas ambientais como a pulverização com organofosforados na cidade e o início da especulação imobiliária na Lagoa Encantada em Ilhéus, resolveu criar o GRAMA [...]

IDÉIA CENTRAL: preocupação com a degradação da Mata Atlântica

MOTIVO: IDEOLÓGICO**ONG 19 - Instituto Agroambiental Cacau-Cabruca – ICC**

O Instituto nasceu da vontade de um grupo de pessoas, pesquisadores, agrônomos, economistas, preocupados com a crise do cacau e os problemas da cacauicultura, então, aquele patrimônio ambiental que tinha sido preservado à custa da cacauicultura estava sendo dilapidado e você não tinha um reconhecimento regional do valor da cabruca para o meio ambiente da região cacaueira.

IDÉIA CENTRAL: preocupação com a extinção da cabruca.

MOTIVO: IDEOLÓGICO**ONG 20 - Instituto Ambiental Boto Negro**

O Instituto Ambiental Boto Negro, iniciou sua trajetória de luta ambientalista com um grupo de voluntários no ano de 1987 como Movimento de Resistência Ecológica Boto Negro e tem seu nome em homenagem a centenas de baleias de espécie conhecida, muito parecidas com botos, que morreram na Praia do Piracanga neste município (Itacaré) no mesmo ano.

IDÉIA CENTRAL: desenvolvimento de projetos.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 21 - Instituto de Ecoturismo da Costa do Cacao – IECC

Surgiu a possibilidade de apoio financeiro do Governo Federal para os Pólos de Ecoturismo do Brasil, só que para que isso acontecesse, “eles precisavam de uma ONG institucional [...]”.

IDÉIA CENTRAL: possibilidade de apoio financeiro.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 22 - Instituto de Pesquisa e Educação sobre Recursos**Hidrogeológicos – HIDROGEO**

Um grupo de 10 pessoas que já fazia trabalhos de consultoria na área ambiental, dentre eles, professores/pesquisadores da UESC e da CEPLAC, teve a idéia de fundar o HIDROGEO, visando fazer trabalhos de consultoria ambiental, na área de hidrologia, mapeamento, planos diretores, consultorias até então já feitas por eles.

IDÉIA CENTRAL: desenvolver projetos de consultoria ambiental.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 23 - Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia – IESB

A existência de um Curso de Especialização em Gestão Ambiental na UESC possibilitou a aproximação de algumas pessoas (ambientalistas, estudantes e pesquisadores) para discutirem sobre a questão ambiental no Sul da Bahia. Ao longo das discussões e debates, surge a idéia de criar uma organização que trabalhasse com conservação da biodiversidade e com pesquisa. Podendo assim

institucionalizar algumas ações e projetos já existentes.

IDÉIA CENTRAL: institucionalização de projetos existentes.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 24 - Instituto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sócio-Cultural do Sul da Bahia – ECOTUBA

[...] comecei a ver a ocorrência de desovas de tartarugas marinhas, ao mesmo tempo encontrava muitos ninhos roubados, violados [...]. Surgiu com a sugestão de um turista que, conheceu seu trabalho e disse: cara, você tem que juntar essa galera e fazer uma ONG, vocês estão fazendo o maior trabalho bacana, formalizando vocês conseguem ter mais acesso a recursos.

IDÉIA CENTRAL: maior acesso a recursos.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 25 - Instituto Driades de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade – DRÍADES

Esse grupo de pesquisadores, acreditando que a geração de conhecimento biológico é uma das formas de promover a conservação dos recursos naturais percebeu a necessidade de ter uma instituição para possibilitar outras ações [...]. Essa percepção deu-se, [...] pela dificuldade e burocracia que uma instituição pública tinha - e ainda a tem - em conseguir e gerenciar recursos financeiros desses projetos. Aí você acaba perdendo recurso.

IDÉIA CENTRAL: dificuldade de burocracia em conseguir e gerenciar recursos financeiros.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 26 - Instituto Floresta Viva – FLORESTA VIVA

O Instituto Floresta Viva teve sua origem a partir da experiência sócio-ambiental inovadora, [...] através do Programa Floresta Viva trabalhou aliando proteção dos remanescentes florestais da Mata Atlântica.

IDÉIA CENTRAL: independência financeira e técnica.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 27 - Instituto Ilheense de Biologia – INIBIO

Algumas dificuldades foram surgindo na hora em que o grupo buscava apoio financeiro para as suas atividades, “as empresas ficavam meio assim em doar alguma coisa, porque, está doando para quem? Aí surgiu a necessidade de formar uma pessoa jurídica.”

IDÉIA CENTRAL: desconfiança dos financiadores em relação a um grupo informal.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 28 - Instituto Socioambiental Comunidade em Ação – ISCA

[...] muitas atividades relevantes não eram desenvolvidas, ou por limitações financeiras, ou por desinteresse político.

IDÉIA CENTRAL: independência financeira e imparcialidade técnica.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 29 - Instituto Tijuípe

A gente não conseguia fazer muito com que aquela coisa acontecesse, o Conselho em si não era uma pessoa jurídica, existiam pessoas com capacidade técnica, por exemplo [...] que eram voluntárias [...] pessoas com potencial técnico que poderia desenvolver projetos para captar recursos, porque a gente ia precisar de recurso. [...] aí que veio a idéia de se criar o Instituto Tijuípe.

IDÉIA CENTRAL: possibilidade de captação de recursos.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 30 - Instituto Uiraçu

[...] dar suporte à Reserva, inclusão comunitária no projeto, desenvolvimento de pesquisa científica e educação ambiental, e possibilitar parcerias interinstitucionais que dessem suporte ao projeto como um todo. O grupo de amigos vem gradualmente somando pessoas à instituição e se profissionalizando.

IDÉIA CENTRAL: possibilidade de apoio financeiro e técnico com outras

instituições.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 31 - Instituto Universidade Livre Ambiental de UNA

Um grupo de educadores, percebendo as dificuldades de desenvolvimento de atividades em Educação Ambiental, em função da falta de capacitação, principalmente da zona rural, resolveu criar o Instituto, juntamente com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Una e o grande incentivo do IESB.

IDÉIA CENTRAL: deficiência das ações de Educação Ambiental.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 32 - O Instituto Ambiental – OIA

[...] a ONG tem uma tecnologia e uma filosofia: a tecnologia é saneamento básico e tratamento de esgoto principalmente e a filosofia é educação popular no sentido de que, esta tecnologia nessa ONG, só se ela puder ser passada para quem precisa, população carente.

IDÉIA CENTRAL: levar nova tecnologia de saneamento a comunidades carentes.

MOTIVO: IDEOLÓGICO

ONG 33 - Organização Pró-Defesa e Estudos dos Manguezais da Bahia

– ORDEM

Surgiu a necessidade de criar uma estrutura com uma forma legal, onde

pudesse fazer encaminhamento de projeto, onde pudesse ter uma representatividade, para poder participar das atividades não só a nível de região, mas a nível de Brasil também.

IDÉIA CENTRAL: encaminhamento de projetos e participação de atividades nacionais.

MOTIVO: FINANCEIRO

ONG 34 - YONIC

[...] buscamos a excelência na solidariedade coletiva, nos trabalhamos por uma comunidade unificada e bem informada, suprimindo a lacuna entre a sociedade civil e os órgãos governamentais municipais, estaduais e federais.

IDÉIA CENTRAL: motivo confuso, mas perfil similar ao da ONG 10.

MOTIVO: FINANCEIRO

1.2. Agrupamento das Idéias Centrais

Após a extração das Expressões-Chave e definição das Idéias Centrais de cada discurso, partimos para o agrupamento dos mesmos.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO - MOTIVAÇÃO IDEOLÓGICA

A degradação da Mata Atlântica, o abandono do Sistema Agroflorestal Cabruca, a degradação socioeconômica e ambiental das comunidades rurais, a falta de atenção com as minorias étnicas, a poluição das cidades, a forma deficiente

como é trabalhada a Educação Ambiental e a falta de articulação entre as ONG Ambientalistas, motivaram nosso encontro e formalização como Instituição, pois entendíamos que esta seria a forma de sanar estes problemas.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO - MOTIVAÇÃO FINANCEIRA

A desconfiança dos financiadores frente aos grupos informais, a burocracia e dificuldade das instituições públicas na captação e administração de recursos financeiros, a possibilidade de financiamento para o desenvolvimento de projetos ambientais, para o desenvolvimento de projetos agroecológicos, para ações sociais no meio rural, bem como a expectativa de auferir renda atuando na área socioambiental, motivaram a formalização de nosso grupo.

2. PROCEDIMENTOS USADOS PARA A CONSTRUÇÃO DO DSC REFERENTE AOS VALORES NORTEADORES DAS AÇÕES.

A seguir extraímos as Expressões-Chave dos objetivos/missão das ONG, o que nos possibilitou agrupá-las em função dos principais valores norteadores de suas ações (para que obtivéssemos maior fidelidade nessa união de discursos, levamos em consideração também, todas as informações fornecidas durante as entrevistas).

2.1. Expressões-Chave e Idéias Centrais

ONG 1 - Assembléia Permanente das Entidades em Defesa do Meio

Ambiente de Ilhéus – APEDEMA/IOS

[...] criar [...] um coletivo de debate, troca de experiências e fortalecimento institucional e com isso, agir nas questões ambientais urbanas principalmente.

IDÉIA CENTRAL: Troca de experiências e fortalecimento das ONG Ambientalistas.

VALOR: Socioambiental

ONG 2 - Associação Brasileira de Apoio aos Recursos Ambientais –

ABARÁ

[...] planejar, promover e executar estudos e ações pertinentes ao desenvolvimento sustentável das comunidades que compõem a Área de Proteção Ambiental da Lagoa Encantada e Rio Almada.

IDÉIA CENTRAL: Desenvolvimento sustentável das comunidades da APA Lagoa Encantada.

VALOR: Socioambiental.

ONG 3 - Associação Cultural e Ambientalista dos Índios Tupinambá de Olivença

[...] Captar recursos para benefício da comunidade Tupinambá. E buscar o que é desse povo por direito (saúde, educação e tecnologia), sempre preservando seus costumes e tradições.

IDÉIA CENTRAL: Fortalecimento e manutenção da cultura Tupinambá.

VALOR: Sociocultural.

ONG 4 - Associação de Proprietários de Reservas Particulares da Bahia – PRESERVA

[...] projetos de políticas públicas [...] articulação dos proprietários de RPPNs da região Nordeste [...] apoio a elaboração de plantas para a criação de RPPNs e apoio para a gestão dessas áreas.

IDÉIA CENTRAL: Representação e articulação entre os Proprietários de RPPNs.

VALOR: Socioeconômico.

ONG 5 - Associação dos Apicultores Ambientalistas de Ilhéus

[...] credibilidade ao mel produzido, pois não tinha registro [...] financiamento para aumentar o apiário e o governo até montava a casa de mel para vendermos nosso mel [...].

IDÉIA CENTRAL: Financiamento para a atividade apícola.

VALOR: Econômico.

ONG 6 - Associação dos Morados e Agricultores do Rio do Engenho e

Adjacências – AMAREA

Aí surgiu a idéia de formar a associação, não somente esse motivo (financiamento), mas também reivindicar, nossa região ela é muito atrasada, não tinha linha de ônibus freqüente, o transporte era quase só particular.

IDÉIA CENTRAL: Financiamento para pequenos agricultores e benefícios para a comunidade.

VALOR: Socioeconômico.

ONG 7 - Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico

[...] É importante a gente fazer alguma coisa prática, pois daqui a pouco não vai ter nem o que pesquisar mais. Eu vou continuar com pesquisa, mas eu estou querendo desenvolver projetos na área mais aplicada. Aí tem essa possibilidade da Novo Encanto.

IDÉIA CENTRAL: Desenvolver ações práticas na área socioambiental.

VALOR: Socioambiental.

ONG 8 - Associação Núcleo da Mulher

[...] contribuir para melhorar a qualidade de vida da população de Ilhéus, prioritariamente mulheres, jovens e crianças, através de ações educativas, informativas, sociais, de saúde, profissionalização e promoção humana.

IDÉIA CENTRAL: Primar pela qualidade de vida de mulheres, jovens e crianças;

VALOR: Social.

ONG 9 - Associação para o Desenvolvimento Agroecológico de Comunidades Rurais – JUPARÁ

[...] promover através da Educação Ambiental, o manejo ecológico, a inserção social das famílias rurais e com tudo isso trazer desenvolvimento econômico, funcionando como instituição de assessoria.

IDÉIA CENTRAL: Manejo ecológico e inserção social de famílias rurais.

VALOR: Socioeconômico.

ONG 10 - Associação Rosa dos Ventos

[...] elevar o nível da educação da comunidade, crianças e adultos; favorecer o desenvolvimento econômico e social da população, criando novas profissões, infra-estruturas sociais de base e garantir o respeito ao meio ambiente

frágil, criando novas alternativas agrícolas e alimentares nas comunidades rurais de Itacaré.

IDÉIA CENTRAL: Favorecer o desenvolvimento econômico, social e ambiental em Itacaré.

VALOR: Socioambiental

ONG 11 - CARE

[...] introduzir e testar mecanismos de geração de trabalho e renda, visando resgatar uma parcela da dívida social com alguns dos grupos mais excluídos da sociedade baiana: jovens afrodescendentes; indígenas e assentados de reforma agrária.

IDÉIA CENTRAL: Resgatar e valorizar grupos de afrodescendentes, índios e assentados.

VALOR: Social.

ONG 12 - Centro de Desenvolvimento Agroambiental e Cidadania –

CDAC

O Instituto Cacau-cabruca ele não tinha liberdade no campo social [...] aí era um projeto de disseminação desse conhecimento (referindo-se ao Instituto Agroambiental Cacau-Cabruca) da conservação produtiva e do respeito a Mata Atlântica, junto a criança, mas no meio rural.

IDÉIA CENTRAL: Atuar no campo social e de conservação ambiental.

VALOR: Socioambiental.

ONG 13 - Centro Cultural Profissionalizante Tororomba -

FAZENDARTE

[...] dar uma sobrevida para crianças e adolescentes, na orientação, na educação, educação ambiental e na profissionalização.

IDÉIA CENTRAL: Promover sobrevida a crianças e adolescentes.

VALOR: Social.

ONG 14 - Escola Agrícola Familiar Margarida Alves – EACMA

[...] construir a cultura da agricultura familiar, rompendo a mentalidade da monocultura, melhorando assim a qualidade de vida dessas pessoas.

IDÉIA CENTRAL: Melhorar a qualidade de vida das comunidades rurais.

VALOR: Socioeconômico.

ONG 15 - Fundação Pau Brasil – FUNPAB

A fundação foi criada [...] para ser um suporte do Centro de Pesquisas do Cacau, para a CEPLAC.

IDÉIA CENTRAL: Servir de suporte técnico-financeiro do CEPEC.

VALOR: Econômico.

ONG 16 - Grupo Ambiental Fotossíntese – FOTOSSÍNTESE

[...] com uma ONG Ambientalista seria possível cuidar do meio ambiente urbano.

IDÉIA CENTRAL: Cuidar do meio ambiente urbano.

VALOR: Ambiental.

ONG 17 - Grupo de Apoio às Comunidades e ao Meio Ambiente –**GACMA**

[...] promover a Educação Ambiental para as comunidades de Ilhéus e buscar financiamento para projetos, científicos e comunitários.

IDÉIA CENTRAL: Promover a Educação Ambiental para comunidades.

VALOR: Socioambiental.

ONG 18 - Grupo de Resistência às Agressões ao Meio Ambiente –**GRAMA**

[...] proteger o meio ambiente, o consumidor, o patrimônio artístico, estético, turístico e paisagístico.

IDÉIA CENTRAL: Proteger o meio ambiente, o consumidor, o patrimônio artístico, estético, turístico e paisagístico.

VALOR: Socioambiental.

ONG 19 - Instituto Agroambiental Cacau-Cabruca – ICC

[..] chamar a atenção para o sistema agroflorestal cacau-cabruca. Inicialmente seus integrantes começaram a falar da cabruca no meio universitário, nas escolas, bem como agregar outras instituições a causa, discutindo o sistema com o governo, visando a consolidação desse método [...].

IDÉIA CENTRAL: Chamar a atenção para o Sistema Agroflorestal Cabruca.

VALOR: Socioeconômico.

ONG 20 - Instituto Ambiental Boto Negro

[...] preservar a Mata Atlântica, os manguezais, o patrimônio histórico, turístico e paisagístico, a fauna, a flora e a vida marinha do local. [...] saneamento básico [...] saúde da cidade [...] educação no meio rural.

IDÉIA CENTRAL: Preservar o patrimônio natural, cultural, histórico e humano.

VALOR: Socioambiental.

ONG 21 - Instituto de Ecoturismo da Costa do Cacau – IECC

[...] defender, preservar e conservar o meio ambiente promovendo o desenvolvimento sustentável, a partir de atividades ecoturísticas, assim como fortalecer e gerenciar as ações do Comitê Gestor do Pólo de Ecoturismo da Costa do Cacau.

IDÉIA CENTRAL: defender, preservar e conservar o meio ambiente promovendo o desenvolvimento sustentável.

VALOR: Socioambiental.

ONG 22 - Instituto de Pesquisa e Educação sobre Recursos

Hidrogeológicos – HIDROGEO

Um grupo de 10 pessoas que já fazia trabalhos de consultoria na área ambiental, dentre eles, professores/pesquisadores da UESC e da CEPLAC, teve a idéia de fundar o HIDROGEO, visando fazer trabalhos de consultoria ambiental, na área de hidrologia, mapeamento, planos diretores, consultorias até então já feitas por eles.

IDÉIA CENTRAL: realizar trabalhos de consultoria na área ambiental.

VALOR: Econômico.

ONG 23 - Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia – IESB

[...] pesquisa, com vistas a conservação da Mata Atlântica e sua biodiversidade. [...] fazer trabalhos de ação, trabalho de desenvolvimento comunitário, trabalho de alternativas econômicas [...].

IDÉIA CENTRAL: Realizar pesquisa, com vistas a conservação da Mata Atlântica e sua biodiversidade, fazer trabalhos de ação, trabalho de desenvolvimento comunitário e trabalho de alternativas econômicas.

VALOR: Socioambiental.

ONG 24 - Instituto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sócio-Cultural do Sul da Bahia – ECOTUBA

[...] pesquisa, conservação, visão sustentável, ligado ao ambiente litorâneo, [...] nossa lama é o ambiente litorâneo.

IDÉIA CENTRAL: Pesquisa, conservação e visão sustentável, ligado ao ambiente litorâneo.

VALOR: Ambiental.

ONG 25 - Instituto Dríades de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade – DRÍADES

[...] levantamento de dados biológicos e apoio a políticas públicas, com enfoque especial na região de abrangência do Bioma Mata Atlântica, principalmente em áreas de remanescente florestais no sul e sudeste do Bahia.

IDÉIA CENTRAL: Levantamento de dados biológicos e apoio a políticas públicas.

VALOR: Ambiental.

ONG 26 - Instituto Floresta Viva – FLORESTA VIVA

[...] promoção do desenvolvimento do ser humano, aliada à conservação dos recursos naturais, principalmente na área do entorno da Serra do Condurú.

IDÉIA CENTRAL: E promoção do desenvolvimento do ser humano, aliada à conservação dos recursos naturais.

VALOR: Socioambiental.

ONG 27 - Instituto Ilheense de Biologia – INIBIO

[...] mostrar a biodiversidade local, o que se encontra na região. [...] levar informações aos alunos de ensino médio, sobre a área de atuação do biólogo.

IDÉIA CENTRAL: E mostrar a biodiversidade local, o que se encontra na região. Levar informações aos alunos de ensino médio, sobre a área de atuação do biólogo.

VALOR: Socioambiental.

ONG 28 - Instituto Socioambiental Comunidade em Ação – ISCA

[..] trabalhar pela causa socioambiental.

IDÉIA CENTRAL: Trabalhar pela causa sócio ambiental.

VALOR: Socioambiental.

ONG 29 - Instituto Tijuípe

[...] disciplinar o uso do solo e fortalecer a atividade turística [...]

IDÉIA CENTRAL: Disciplinar o uso do solo e fortalecer a atividade turística.

VALOR: Socioambiental.

ONG 30 - Instituto Uiraçu

[...] proteger, preservar, conservar e recuperar ecossistemas da Mata Atlântica, segundo uma ética universal ecocêntrica.

IDÉIA CENTRAL: preservar e recuperar ecossistemas da Mata Atlântica.

VALOR: Ambiental.

ONG 31 - Instituto Universidade Livre Ambiental de UNA

[...] desenvolvimento da Educação Ambiental para o fortalecimento das comunidades rurais, objetivando a qualidade de vida destas e conservação dos seus recursos naturais.

IDÉIA CENTRAL: qualidade de vida das comunidades rurais e conservação dos recursos naturais.

VALOR: Socioambiental.

ONG 32 - O Instituto Ambiental – OIA

[...] a ONG tem uma tecnologia e uma filosofia: a tecnologia é saneamento básico e tratamento de esgoto principalmente e a filosofia é educação popular no sentido de que, esta tecnologia nessa ONG, só se ela puder ser passada para quem precisa, população carente.

IDÉIA CENTRAL: Levar qualidade de vida as comunidades carentes através de saneamento básico.

VALOR: Socioambiental.

ONG 33 - Organização Pró-Defesa e Estudos dos Manguezais da Bahia

- ORDEM

[...] preservar os ecossistemas costeiros e marinhos, melhorar a qualidade de vida das populações ali inseridas, com ações sempre voltadas para os aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos [...].

IDÉIA CENTRAL: preservação dos ecossistemas costeiros e qualidade de vida da população envolvida.

VALOR: Socioambiental.

ONG 34 - YONIC

[...] buscamos a excelência na solidariedade coletiva, nos trabalhamos por uma comunidade unificada e bem informada, suprimindo a lacuna entre a sociedade civil e os órgãos governamentais – municipais, estaduais e federais.

IDÉIA CENTRAL: Melhoria da qualidade socioambiental da população.

VALOR: Socioambiental.

2.2. Agrupamento das Idéias Centrais

Após a extração das Expressões-Chave e definição das Idéias Centrais de cada discurso, partimos para o agrupamento dos mesmos.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – VALOR SOCIOAMBIENTAL

Preservar e fortalecer nosso patrimônio natural, cultural, histórico e humano, promovendo o desenvolvimento sustentável, através de pesquisas, da Educação Ambiental para as comunidades, da utilização de tecnologias alternativas de saneamento básico e da troca de experiências e do fortalecimento das ONG Ambientalistas.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – VALOR SOCIOECONÔMICO

Nossa missão é tentar financiamento para nossas atividades agroecológicas, buscar benefícios para melhorar a qualidade de vida das comunidades rurais e lutar por políticas públicas que nos beneficiem.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – VALOR AMBIENTAL

Nossa missão é pesquisar, conservar os ambientes urbano, costeiro e de Mata Atlântica, para subsidiar políticas públicas de conservação dos ecossistemas.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – VALOR ECONÔMICO

Nossa missão é prestar trabalhos de consultoria ambiental, buscar financiamento para subsidiar nossas atividades agrícolas, e servir de suporte técnico-financeiro a uma instituição governamental.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – VALOR SOCIAL

Pretendemos promover qualidade de vida a mulheres, aos jovens, aos adolescentes e as crianças, bem como promover o resgate e valorizar grupos de afrodescendentes, índios e assentados.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – VALOR SOCIOCULTURAL

Nossa missão é fortalecer e manter a cultura Tupinambá

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)